

Directora: **Nassalete Miranda**

15 Maio de 2013

Nº 98 | Preço: 2 euros

Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

ESPAÇO MIGUEL TORGA

EM NOTÍCIA // PÁG. 26

«Património e Literatura na Região Duriense»

Acamfe e Direcção Regional de Cultura promovem roteiros de escritores



Cortar na cultura é inconsciente

O actor e autor de Teatro Simão Do Vale apresentou em Portugal a peça «Gertrude», a partir de «Hamlet», de William Shakespeare.

ENTREVISTA // PÁGS. 4 e 5

LANÇAMENTOS // PÁGS. 10 a 12

Novos títulos

Adriano Moreira e Daniel Serrão escrevem sobre as últimas obras de José Maria Rodrigues da Silva e de Anaoásis (Maria Antónia Jardim), respectivamente.

EDUCAÇÃO // PÁGS. 18 e 19

O papagaio

“Questão central no Processo de Bolonha é o da mudança do paradigma de ensino de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências”.

POR: RUDESINDO SOUTELO



LUISA COELHO/JORGE COELHO

S/ título, [1967-68].
Colecção particular

José Rodrigues

Anos 60/Anos 70 | Desenho e Escultura na Cooperativa Árvore até 8 de Junho. Mostra de homenagem ao Mestre composta por desenho inéditos de 1968 e 1969 e de peças metálicas como exercícios formais que estabelecem diferentes espaços, perspectivas e planos.

ARTE // PÁG. 14



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 3556
Telemóvel: 91 803 5676
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 3556
Telemóvel: 91 803 5676
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 3556
Telemóvel: 91 803 5676
Email: artesentreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecior - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 4290
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | Levi Guerra
Lidia Jorge | Luisa Dacosta
Manoel de Oliveira | Mário Cláudio
Miguel Veiga | Oscar Lopes
Salvato Trigo | Urbano Tavares Rodrigues

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António Fournier | António José Queiroz
Armando Alves | Carlos Cabral Nunes
Carlos Vaz | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa
Francisco d'Eulália
João Medina | Jorge Sanglard
J. Esteves Rei | Lauro António
Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim
Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

PARCERIAS



APOIOS



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

Milhares de portugueses congelaram a esperança nesta sala de espera em que alguns (i)responsáveis transformaram o nosso País; (i)responsáveis porque não avaliam previamente e de forma pormenorizada, as consequências do que andam a fazer. Este avança/re-cua de medidas legislativas que penalizam PME's, pensionistas e reformados, segurança social e afins, empregados e desempregados são a prova da impreparação das matérias, vulgo dossiês. Não é possível ganhar credibilidade em quem nos (des)governa quando se constata, a cada momento, que a preocupação em cumprir os compromissos com a Troika fazem esquecer os que foram assumidos com os portugueses.

Não é mais possível que o défice - o enormíssimo défice - da Segurança Social tenha de ser imputado a quem ganha pensões de reforma entre os 600 e os 1.500 euros, como se a responsabilidade do "buraco" fosse de sua exclusiva responsabilidade! Não é. De todo!

São inúmeras as vozes que alertam para a injustiça desta "perseguição", tantas como as que sugerem que se comece por olhar para aqueles que usufruem de duas e três pensões pagas pelo Estado, mais quem, sendo pensionista, acumula com o seu ordenado no Parlamento, etc., etc.

Ah! Sim, são direitos adquiridos, mas só para al-

guns e isso, caríssimos, não é democrático!

A sustentabilidade do sistema de pensões é coisa séria, é verdade, e disso temos todos de tomar consciência. Assim, não se compreende por que razão ainda não há uma lei que aumente a idade da reforma dos senhores deputados - de facto, 12 anos de serviço público para reformas acima de 2.000 euros não é bonito de se ver, sobretudo quando está na forja a idade de 66, e certamente que 67, 68, etc..., para a restante população.

Diz Giles Lipovetsky que "hoje há demasiado de tudo". É certo, até de irresponsabilidade social, de falta de ética política e de competência generalizada para decidir sobre o futuro das gentes.

Tomo a liberdade de recomendar aos senhores do poder a leitura (ou releitura, caso haja alguma excepção...) de "A Era do Vazio" de G. Lipovetsky - um dos pensadores mais lúcidos da actualidade, prof. de Filosofia na Universidade de Grenoble e membro do Conselho de Análise da Sociedade - curiosamente um órgão consultivo do primeiro ministro francês.

A todos, boas leituras em artes feitas.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Irmandade das Almas mantém tradição

A Irmandade das Almas de São José das Taipas, no Porto, mantém os objectivos que estiveram na sua criação - sufragar as almas e praticar a caridade -, mas os novos tempos acrescentaram mais alguns ideais. Além de ser um espaço de oração (é celebrada uma missa mensal pela Europa e sua Cristianização), nestes últimos dois anos desde o seu reaparecimento e restauração a Irmandade tem promovido concertos, conferencias, apresentação de livros, exposições e está de novo aberta aos

fiéis e aos turistas, conforme explicou Hélio Loureiro, que integra os órgãos sociais.

A Irmandade das Almas de São José das Taipas nasceu da fusão da Irmandade de São Nicolau de Tolentino com a de São José, que possuía capela na Rua das Taipas, no século XVII. Foi desactivada com o fim da Monarquia, já que o novo regime proibiu "a mais espectacular e sentida tradição de fazer uma romagem ao local do acidente da ponte das barcas". Em 2009 nasceu a vontade da restauração.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:

Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis



Guilherme
d'Oliveira Martins
presidente do CNC

Justo Lípsio e o Estado Moderno

Um dos edifícios emblemáticos do Conselho da UE em Bruxelas invoca o humanista belga Justus Lipsius (1547-1606), muito conhecido e influente no Portugal do seu tempo. Recordamo-lo através da obra de Martim de Albuquerque, «Um Percurso da Construção Ideológica do Estado - a recepção lipsiana em Portugal: estoicismo e prudência política» (Quetzal, 2002).

Como afirma Martim de Albuquerque, o pensamento de Justo Lípsio balança entre dois polos: a autoridade e a obediência, “como condições de eficácia e estabilidade do poder e a proteção dos governados”. A liberdade política resultaria dessa complementaridade e desse entendimento. Muitas vezes, a relativa ambiguidade das ideias do mestre de Louvain decorre dessa relação complexa. “A construção lipsiana assentou (...) sobre uma ambivalência ideológica,

que desenvolveu e explorou a partir da sua cultura antiga, absolutamente ímpar”. Tácito e Séneca são dois autores cruciais para o pensamento de Lípsio - em relação ao primeiro no tocante ao conceito de poder e ao seu exercício, e para o segundo quanto à obediência e à defesa dos súbditos. É a partir de Tácito que analisa o conceito de prudência, através do qual pretende ligar a moral e a política, a ética e a utilidade, os valores e a eficácia. Lípsio fica, deste modo, a meio caminho entre a prudência como virtude moral e a prudência como razão de Estado. Assim, “a prudência reconduz-se a uma eleição de meios para agir virtuosamente; é a arte de viver que sabe distinguir o que convém e é útil. Ordena as coisas presentes, prevê as futuras, recorda as passadas”. Percebe-se que, assim, a história ocupe um lugar-charneira - articulando o uso, a experiência e a memória das coisas. Se a experiência pode ser mais segura, a memória torna-se indispensável e até preferível, por mais ampla e compreensiva. Impõe-se, porém, para J. Lípsio compreender a tensão entre a virtude e a conveniência. O sentido político obrigaria a fazer concessões ao disfarce: “Como o vinho não perde a natureza quando temperado com a água, também a prudência não deixa de o ser se nela existirem algumas gotas de dissimulação ou disfarce”. Uma pequena



Os Quatro Filósofos, de P.P. Rubens, 1615 (da esquerda para a direita: o autor e seu irmão, Justo Lípsio e Jan Woverius - com o busto de Séneca).

quantidade para um bom fim seria tolerável. Como Plutarco disse em «Lisandro»: onde se não chega a pele do leão é preciso colmatar com a da raposa. Maquiavel vem necessariamente à baila, estando em causa a difícil relação entre a ética e o realismo. E Dante, no inferno, recorre à metáfora da raposa e do leão, para representar o dolo e a nobreza.

DA IMPERFEIÇÃO HUMANA. - Justo Lípsio considerava a imperfeição humana e é esse entendimento que o leva a caldear a ética e o interesse. A Tácito vai buscar a prudência, de Séneca retira a constância (tema da sua célebre reflexão publicada em 1584), como perseverança baseada na paciência. O Estado necessita da obediência dos súbditos, o que obriga a prepará-los para uma vida reta e justa. E aí encontramos o estoico: “O estoicismo no puro sentido do estoicismo antigo, do estoicismo senequiano (pergunta Martim de Albuquerque), ou no da compatibilização dos seus ensinamentos com a religião cristã? A pergunta fica no ar, pois se houve quem qualificasse Lípsio como cristão estoico (caso de Quevedo) não faltou quem - tal o juízo de Torrentius - o considerasse mais estoico do que cristão”. Lípsio apresenta-nos o modelo de um homem racional, senhor de si, responsável. Politicamente, a personalidade de J. Lípsio é

a um tempo ambígua e preocupada com o equilíbrio e a justiça. Daí a sua oscilação entre a Reforma e a Contra-Reforma. Angustia-o a fragmentação religiosa e sente as repercussões negativas da ameaça à estabilidade social. Deseja que a religião seja «vinculum et firmamentum reipublicae». Por isso mesmo, é visto com desconfiança do lado católico e do lado protestante, mas hoje é apontado como um exemplo da diversidade, da dúvida e da Europa como encruzilhada em construção permanente. Disse, por isso, que as «Políticas («Politicorum Libri», 1589)» eram feitas com frases soltas de outros autores, juntas ou encaixadas, segundo certa ordem de pensamento, um fio condutor. Afinal, tudo era seu e nada era. Michel de Montaigne viu nessa obra uma tessitura urdida com arte, com sentenças, aforismos, florilégios, citações e espelhos de príncipes... Contudo, nestas

reflexões do que se trata é da génese do Estado moderno, com a sua complexidade, como mediador e microcosmos capaz de se fechar e abrir. Frei Serafim de Freitas, no seu «De Justo Imperio Lusitanorum Asiatico» invoca Justo Lípsio, ora positivamente, quanto à prioridade das navegações portuguesas, ora negativamente pela alusão mítica da Atlântida na Antiguidade... D. Francisco Manuel de Melo põe num dos apólogos dialogais, o «Hospital das Letras», Lípsio em conversa com os companheiros: Quevedo, Bocalino e consigo mesmo, colocando-o a dizer: “É bem verdade que a história se quer vestida e revestida de juízos, sentenças, secretos, malícias e discrições, porque enfim uma história nua, sobre desonesta, é desaproveitada”. Velasco de Gouveia invoca os argumentos do autor sobre a legitimidade. António de Sousa de Macedo cita o pensador belga sobre o papel das religiões na sociedade. Mas deste repositório fica, sem dúvidas, o Estado moderno a dar os primeiros passos e a sofrer a contradição entre a autoridade e a obediência... Eis a questão.

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Simão Do Vale escolheu o Teatro como o seu meio de comunicação

“É popular cortar na cultura”...

O actor e autor de Teatro Simão Do Vale, que vive em Turim (Itália), esteve em Portugal - no Teatro Carlos Alberto -, em Abril, com a peça «Gertrude», a partir de «Hamlet», de William Shakespeare. Ao jornal As Artes entre As Letras, por e-mail, falou de si e das suas escolhas, desta peça que encenou e representou e dos projectos que tem já em vista. Estudou Psicologia quando sabia que o seu futuro passaria pelo Teatro, não revela quantos anos tem, pois considera que o preconceito etário é um dos maiores e menos discutidos problemas sociais e não por receio dos cabelos brancos e das rugas. Sobre o estado da cultura portuguesa, Simão Do Vale (filho do encenador Ricardo Pais) alertou que os cortes orçamentais, apesar de populares, geram “inconsciência”.

ISABEL
FERNANDES

Lê-se assim na sua biografia, onde nunca refere a sua idade: “Acha que o idadismo é um dos maiores e menos discutidos problemas sociais”. E por que é que acha isto? Freud explica?

O “idadismo” é um termo que pertence ao campo da Psicologia Social e não da Psicanálise. Idadismo é um preconceito que, como todos os preconceitos, se baseia numa avaliação de um indivíduo com base na sua pertença a um determinado grupo, classe, etnia, raça, orientação sexual, etc. No último caso, o da orientação sexual, o preconceito associado chama-se heterossexismo (e não homofobia, que é um medo irracional - daí o sufixo de fobia - de se ser homossexual). No caso da raça trata-se de racismo, o mais badalado destes preconceitos. No caso da idade, trata-se de idadismo, ou seja: avaliação de uma pessoa (das suas qualidades, defeitos, características, etc, etc, etc) com base na sua pertença a uma determinada faixa etária. Quando se trata de emitir um juízo de valor sobre um homossexual ou uma pessoa de outra raça, são mantidos todos os cuidados, como se as orelhas do mundo tivessem dentes. Mas, sem receio, sem freio ou pudor, emitem-se juízos de valor baseados na idade, sobretudo sobre as capacidades performativas dos indivíduos. Isto



JOÃO TUNA

transporta-nos para uma moda muito singular (que serve a manutenção do status quo), a uma tendência suicida à entropia do sistema a que chamamos mundo ou sociedade: a moda da “experiência”. Tida como factor fundamental na análise das capacidades de um indivíduo, a “experiência” é tida como linha de corte e, de forma cínica (por consequência também facciosa), é associada ao tempo que já se viveu. Ora, diria Oscar Wilde, que certamente terá sofrido mais as lâminas dos preconceitos do que qualquer um de nós: “A experiência é uma questão de instinto sobre a vida”. O instinto, esse, lamento, não tem idade! Não revelo a minha idade, não por ter receio dos cabelos brancos que me possam cobrir o cocuruto da cabeça, não pelas rugas que começam a esconder-se por detrás das hastas dos meus óculos, mas porque a entropia ansiosa deste lago tenderá a avaliar-me em base a quantos cabelos brancos ainda me faltam, a quantas rugas ainda tenho que aprender.

Nunca exerceu Psicologia em que é licenciado pela Universidade do Porto. Quando é que percebeu que era no Teatro que estava o seu futuro profissional?

Percebi que o meu futuro profissional estava no Teatro ainda antes de começar a estudar Psicologia. Aliás, estudei Psicologia precisamente por ter percebido que o meu futuro profissional passaria pelo Teatro. Há um momento na vida em que se percebe (pelo menos comigo foi assim) que cá dentro incubia algo de indizível ou, pelo menos, de impalpável. Se assim é, estamos destinados a tentar dizê-lo. Quando se percebe isto, ou melhor, quando se aceita isto, passamos a ter pela frente uma escolha: qual dos muitos mecanismos de comunicação humana escolher para que a tentativa de comunicação seja o menos vã possível? Eu escolhi o Teatro, mas talvez pudesse

ter escolhido outro mecanismo qualquer. Um artista nunca se sentirá satisfeito nesta tentativa, por mais que as suas obras possam reflectir na prática o que a sua ânsia intimamente lhe revela. Muitas vezes, esta insatisfação é associada a imaturidade, mas o momento de crescimento já ocorreu: quando se aceitou que o indizível deverá ser dito. Talvez um dia desista de tentar, não por me sentir incompreendido, mas porque basta mudar de cadeira para que o mundo mude de significado.

Mas usa os conhecimentos daquele curso [Psicologia] para o seu trabalho actual? Facilita ou dificulta de alguma maneira?

Quando escolhi Psicologia (antes estudava Medicina Veterinária), fi-lo consciente da necessidade de ter uma matrix de pensamento que não derivasse somente do contacto esporádico e atabalhado com a realidade ou de um gosto particular por determinado tipo de corrente de pensamento. A Psicologia é uma ciência que, somados os seus variadíssimos ramos, me ofereceu essa matrix de leitura do Mundo, que, agora, me acompanha no dia-a-dia, mas não contagia por completo a minha sensibilidade.

«Gertrude» foi o primeiro trabalho que trouxe a Portugal? Correu de acordo com as suas/vossas expectativas? Alcançou o que se tinha proposto?

Antes de mais, peço desculpa por fazer uma pequena correcção: eu não “trouxe” o trabalho a Portugal, na medida em que não o fiz em Itália para o trazer para Portugal. É um projecto inteiramente desenhado para um intercâmbio cultural e linguístico entre os dois países e não teria sido possível realizá-lo se o TNSJ (e o Nuno Carinhas) não tivesse confiado inteiramente na sua viabilidade. Sim, «Gertrude» correu de acordo com as minhas expectativas. É um espectáculo denso que se propunha estudar uma personagem: uma mulher, a mãe de Hamlet, Gertrude. Gosto de me colocar na posição de quem estuda, mais do que na posição de quem interpreta e, nesse sentido, ainda que o estudo nunca possa ter fim, sinto que o espectáculo tenta de forma honesta revelar as várias conclusões a que eu (como dramaturgista, encenador e actor) e os outros criadores chegámos. Sendo esta dramaturgia um trabalho de exploração do texto, de sua reconstrução com o objectivo de o apresentar por outra óptica, de cortes, de mudanças de foco de atenção, fui tendo o cuidado de criar, juntamente com a Fiammetta, o Francisco, o Bernardo, o Rui, a Né e o Manuel, vários planos de leitura deste personagem e desta nova peça. Cada um destes planos me surpreendeu, mas, infelizmente, não posso avaliar o seu grau de penetração nos olhos e ouvidos do público.

Ficou a vontade de repetir a experiência (com outros trabalhos) com frequência (ou com a frequência possível)?

Fica sempre, é inevitável. O estudo não tem

fim e, quando se trata de Teatro, a “náusea” não pertence ao meu vocabulário (ou teria que me dedicar a outra profissão). Estando ligado intimamente a Itália e à língua italiana, e sendo o meu trabalho um trabalho sobre a língua e a sua potência, sobre a comunicação e os seus mecanismos, será difícil a curto prazo abandonar esta oportunidade de confronto entre a minha língua-mãe e o Italiano. No caso da Gertrude, talvez tenhamos oferecido ao nosso público um mecanismo de apreciação das duas línguas. Isto foi possível, porque a dramaturgia foi pensada a partir desta ideia. No futuro, o uso das duas línguas dependerá do desenho de um novo projecto. Não vou forçar, obviamente, este estudo, mas se ele surgir de forma instintiva, natural, não o porei de parte.

Itália surge na sua vida como uma opção. Ai fez formação em representação e tem trabalhado... É aí que pretende continuar? Ou haverá outro sonho para concretizar que o leve a outras paragens?

Sempre sonhei viver na Austrália ou numa pequena ilha nenhures. Tenho receio do sentimento de isolamento (não do de solidão) que pode criar viver num sítio “perdido”. Se não precisasse de não me isolar para fazer Teatro... Nos últimos 10 anos vivi em seis cidades. A vida está para a consciência como o instinto para a experiência. A primeira deveria fluir e eu tento que a minha flua, sem a prender demasiado aos grilhões da minha consciência, essa sim supérflua, bacoca e desajeitada. Também o instinto deveria fluir, mais ágil do que a experiência. Quando me deixei guiar pelo instinto, mais do que pela “experiência”, nada de tremendamente surpreendente se recusou a acontecer. Quando o meu instinto me empurrar para outro lado, talvez o deixe fluir. Até lá...

O Teatro é a sua paixão ou é só uma paixão?

Essa é uma pergunta à qual não sei responder, porque não sei se será sequer uma paixão. Nunca cheguei a relacionar-me com o Teatro desse ponto de vista e, para ser muito sincero, irrita-me quem o sente como uma paixão. Para mim, fazer Teatro é trabalho; um trabalho que me agrada, mas sempre trabalhoso. O Teatro é uma ilha que arrisca a isolamento, é um grande vidro duplo que parece deixar-nos ver à transparência, mas nos isola da temperatura, da brisa, do Sol, de tantas outras coisas importante; as pessoas de Teatro, muitas vezes, isolam-se na sua actividade para deixar de sentir o que está para além da sala de ensaios. Como disse antes, há um momento na vida em que decidimos que devemos comunicar alguma coisa numa forma, chamemos-lhe, “artística”. Na escolha dessa forma, eu escolhi o Teatro, talvez por ser aquela que eu conhecia melhor, talvez por permitir um cruzamento de línguas que me estimula, talvez porque o palco é um lugar imprevisível e eu preciso do imprevisível para contrastar a experiência; mas poderia ter escolhido a escrita, a fotografia, outra forma qualquer. Poderia ter escolhido a medicina, a medicina veterinária, ou a própria Psicologia. Talvez tenha sido o instinto que fez de mim uma pessoa de Teatro.

As dificuldades que a Cultura atravessa (e que sempre teve) em Portugal têm exclusivamente a ver com o facto de sermos um mercado efectivamente pequeno?

De forma alguma! A Áustria tem pouco mais de oito milhões de habitantes e a oferta cultural, bem como a procura, são mais ágeis e, sobretudo, mais exigentes do que em Portugal. Se colocar várias espécies de animais num mesmo território com poucos recursos, estes acabarão por se comer uns aos outros ou, pelo menos, por usar da violência na luta por esses recursos. Se colocar essas mesmas espécies num território cheio de recursos, com comida e água em abundância para todos, locais para dormir e repousar, esses mesmos animais acabarão por viver em harmonia. Talvez não se amem, mas não se morderão. Somos um país pobre, isso sim. Somos um país que não está habituado a gerir os seus recursos. Qualquer elemento que pareça roubar recursos é visto como uma ameaça e, eventualmente, não se confessa a sensação de ameaça, mas os dentes rangem. A cultura é vista como consumidora de recursos, o que está errado! A cultura gera movimento social e esse gera recursos. Tornou-se banal em Portugal usar os cortes na cultura para justificar certas medidas de poupança. Ora, usando uma palavra muito portuguesa: chamar-lhe-ia aferrolhar, não poupar. É popular cortar na cultura, gera votos. Sobretudo gera inconsciência, porque a medida não é legítima. Para não ser confundido com um revolucionário, passo a explicar: quando compramos um maço de cigarros, uma parte do seu custo são impostos. Deses, uma parte é destinada à cultura. Ora, apenas 0,2 cigarros num maço vão “parar” à cultura! São só umas míseras “passas”, aquelas que oferecemos ao amigo que está convencido de ter deixado de fumar. Ninguém me convence que roubar umas “passas” a um maço de cigarros possa servir ao desenvolvimento do país de alguma forma, aliás, sou da opinião contrária. Cortar nos fundos dedicados à cultura, desvirtuar os espaços dedicados ao desenvolvimento cultural (e, por consequência, cognitivo) não servirá, infelizmente, para construir escolas ou hospitais, não servirá para ajudar as famílias com problemas de inserção social, e não criará mais postos de trabalho. Lamento! A cultura, nas suas várias formas (e não a confundamos com o populismo parolo dos eventos públicos que entopem as nossas cidades, obedecendo ao raciocínio político infame que ao “povo” se dá o que se quer que o “povo” queira), é peça fundamental da estrutura de uma sociedade sã, lúcida e esclarecida. Diminuir a actividade cultural das nossas cidades não pode trazer nada de bom. Mais uma vez, lamento!

O seu fascínio por Shakespeare e por «Hamlet» assenta nas inúmeras leituras ou noutra(s) razão(ões)?

A repetição cria cansaço, e ainda não me cansei dele. Já estava fascinado antes de uma segunda leitura, imagine-se depois de uma terceira. Shakespeare surpreende-me sempre: cobriu cada pequena coisa que escreveu de um significado que vai muito além do que é

perceptível numa primeira leitura e esta densidade que ele conseguiu conferir ao seu trabalho é única e, de forma alguma, bacoca. Para uma pessoa que não seja amante de Teatro, pode ser difícil perceber o porquê deste fascínio, mas para uma pessoa que tenha que colocar em acção a palavra, a densidade de Shakespeare é uma ferramenta única. Há momentos na história em que, por uma ou outra razão, um determinado artista consegue condensar em si todas as qualidades do seu tempo e, com isso, ir além do seu tempo, numa sorte de prevenção do futuro, como se o que lhe pertence não pudesse ainda ser parte simples do processo de existência daquela sociedade (ou daquela comunidade), mas parte integrante das gerações que virão. Penso que William Shakespeare foi uma destas pessoas e que devemos a ele uma boa parte da nossa visão sobre o Mundo (mesmo para quem nunca o leu).

Esta peça teria hipóteses de ser bem sucedida fora de Portugal, ou os públicos variam de país para país? Existe um público de teatro português, um italiano, brasileiro... (não falo de festivais ou espaços do género)

Quando um espectáculo é bom, o público é uno. É natural que existam diferenças, mas, a mim, parecem-me mais diferenças nos modos de viver o espectáculo, de reagir (que estão relacionadas com características de festividade dos povos), do que nos modos de o apreciar. Por exemplo, eu estou habituado, em Itália, a receber aplausos a meio do espectáculo, e não estou habituado a que as pessoas se levantem a aplaudir no fim (como fez por vezes o público português na «Gertrude»). Isto não significa que os italianos gostem mais do meio do espectáculo e os portugueses do final, simplesmente têm modos diferentes de viver o espectáculo, como têm modos diferentes de viver o futebol, a família, as amizades, a comida. A relação emotiva com as coisas é pancultural, a sua manifestação prática não.

Já tem projectos para o curto e médio prazo de que possa falar?

Sim. Apesar de, neste preciso momento, não haver nada de definitivo, já tenho alguns projectos em vista. Estou a começar a preparar-me para interpretar (e novamente encenar) uma pequena peça de Antonio Tabucchi, autor italiano de romances, contos breves e peças teatrais. Viveu em Portugal muitos anos e tinha com o nosso país uma relação muito singular (que se pode ler no seu «Afirma Pereira»). Tabucchi foi, aliás, o principal tradutor de Fernando Pessoa para italiano. Morreu há pouco mais de um ano (por coincidência dois dias antes do Dia Mundial do Teatro) e, uma vez que vejo na sua vida e obra alguns paralelismos com a minha condição - salvaguardando as devidas diferenças qualitativas -, gostaria de fazer a peça «O Tempo Aperta». Tenho tentado articular projectos cenicamente simples com projectos mais complexos. Para tal, estou a pensar num projecto (que demorará mais tempo a ser conceptualizado) que explorará uma condição neurológica chamada ‘Split Brain’.



Há 19 anos que o Festival de Música da Maia diz «Presente!»

Mário Nuno Alves Neves, vereador dos pelouros da Reforma Administrativa, Qualidade, Energia, Novas Tecnologias e Sistemas de Informação; Cultura e Turismo; Protecção Civil e Segurança, em entrevista ao AeL, explica o sucesso de que se reveste o Festival de Música da Maia que já conta com 19 anos. “É com muito trabalho”, fomentando iniciativas anuais sempre apelativas e diferentes, a preocupação com a atracção do público jovem, e os baixos preços dos ingressos, são alguns dos ingredientes indispensáveis para que o evento já não seja dispensável para a região.

Em tempo de crise, o Festival de Música da Maia, consegue alargar o seu calendário e programação, qual é o segredo?

O segredo é muito simples: ter consciência da realidade inequívoca da crise e nesse sentido alterar profundamente a estrutura organizativa do Festival. Durante anos foi prática corrente procedermos a contratações em que os artistas e bandas actuavam mediante o pagamento de um

“cachet”. Hoje contratualizamos com eles a partilha das receitas de bilheteira. Esta nova abordagem permite mantermos e até aumentarmos o número de participações e o consequente alargamento do calendário.

Este certame das músicas na Maia apresenta propostas artísticas muito díspares, qual é a razão?

O Festival de Música da Maia, desde as suas primeiras edições nunca foi, ao contrário da maior parte dos festivais de música que se organizam pelo País, um festival de “género”. Sempre quisemos que o nosso festival oferecesse variadas propostas artísticas que fossem ao encontro dos vários públicos distintos que existem no grande universo do público apreciador de música. A única uniformidade que procuramos que esteja presente em todo o Festival é a a qualidade das distintas ofertas.

Nesta edição houve um espaço especial para os mais jovens. Há alguma estratégia de captação de públicos?

O Fórum da Maia sempre foi um espaço de fruição pública especialmente apreciado pelas ca-

madamas mais jovens. Aliás a recente abertura do Centr’Arte (Centro Metropolitano de Arte Contemporânea) nas suas instalações, especialmente vocacionado para a divulgação dos trabalhos dos jovens valores emergentes, em todas as disciplinas artísticas, é uma consequente evolução dessa característica. O Festival de Música da Maia mais não faz do que seguir essa tradição.

Olhando para o cartaz do Festival e verificando o melhor os preços dos ingressos, constata-se que são dos mais baixos do mercado, como conseguem este resultado e com que objectivo?

Na verdade os preços de bilheteira praticados pelo Festival de Música da Maia são dos mais baratos do País. Isso é possível graças à nova metodologia organizativa do mesmo, que já referi, e a uma enorme preocupação da Câmara Municipal da Maia em proporcionar bens e serviços de índole cultural a preços verdadeiramente sociais, desde que não seja possível disponibilizá-los gratuitamente.

Ter no mesmo certame, música clássica, jazz, pop&rock e propostas de sons mais urbanos, não é misturar tudo?

Realmente ter em cartaz do Festival todas essas diferentes propostas é mesmo misturar tudo, mas é uma mistura deliberada e corresponde às características específicas do mesmo que já expliquei.

Qual é a fórmula mágica para manter um Festival durante 19 anos ininterruptamente?

Julgo que a fórmula assenta em dois esteios fundamentais: a qualidade e a persistência.

Que função cultural e social pode cumprir um certame desta natureza?

Um certame desta natureza tem como ambição proporcionar ao público o usufruto de produtos musicais de qualidade a preços verdadeiramente acessíveis. Nós praticamos a verdadeira democratização no acesso à Cultura, objectivo sempre importante mas essencial num contexto de agudíssima crise que é económica e que é social.

Porque razão existe sempre um lugar reservado na programação do Festival, para as produções próprias?

Porque a política cultural da Câmara Municipal da Maia, especialmente focada nas questões de índole formativa, tem produzido resultados consistentes que permitem a apresentação de vários produtos culturais com origem nas várias estruturas formativas municipais, com especial destaque para o Conservatório de Música da Maia, com qualidade para serem oferecidos a todos os públicos e em todos os palcos. Mostrar esses mesmos produtos no nosso próprio Festival faz todo o sentido.



Isabel Ponce de Leão
prof. universitária UFP

Oscilações

Na coluna do suplemento *Cultura* de 27.04.2013, que Caetano Veloso assina em *O Globo*, deparo-me com um discurso encomiástico sobre “a preciosidade que é o *Breviário do Brasil*” de Agustina Bessa-Luís (re)publicado, em Portugal, pela Guimarães, em finais de 2012. Acrescenta mesmo o colunista ser a “publicação em terras brasileiras uma exigência do (...) projecto de nação”, dando contudo a alternativa de “os brasileiros avisados” o começarem a importar de Portugal para terem “uma lição de bem escrever”. Podia continuar, apetecia-me continuar a especular sobre este assunto mas aguardo melhor oportunidade.

Fica-me, contudo, um sabor amargo: o da constatação que o reconhecimento do valor dos nossos artesãos da palavra (e não só) vem, mais vezes que as desejáveis, de fora para dentro, como se forças centrífugas adversas impedissem uma consciencialização da sua grandeza em casa própria.

Vêm estas breves considerações, desculpe-se-me o jeito de lamúria, a propósito da obra de Jorge Colaço *Crateras e cristais* publicada em Goiânia, Brasil, pela Editora Kelps em 2012.

Jorge Colaço não é um desconhecido no ambiente cultural português quer pela colaboração dispersa em revistas e jornais literários, quer ainda pelo intenso trabalho desenvolvido na *Verbo* - coordenador editorial e colaborador da *Enciclopédia* e da revista *Annuália*. É, contudo, no Brasil, que sai o pequeno mas exímio volume de que hoje me ocupo, e por que também se interessou o poeta e professor brasileiro Gilberto Mendonça Teles, a quem o jornal *As Artes entre As Letras* deu o merecido relevo no seu número 54 de 13 de Julho de 2011.

Crateras e cristais é, de facto, obra que pede meças a muito do que se publica em Portugal, que só não inventario pelo respeito que este jornal me merece. É logo no poema que dá título à obra, e que aparece em jeito de prefácio / advertência, que Jorge Colaço estabelece um manifesto programático semântico-estilístico do seu conteúdo. Assim se presentifica a oscilação vida / morte, configurada no penitente antagonismo material / imaterial, através de um tom fortemente sinestésico dado pela agressividade da acumulação aliterativa. O programa agora anunciado alerta o leitor incauto, e agiliza a leitura da obra que oferece uma estrutura tripartida numa demanda aglutinadora das ordens material, racional e espiritual.

Na primeira parte, «Pequeno Guia de Materiais», através de uma poética por vezes minimalista, o poeta convoca materiais que, sem o deixarem de ser, perseguem a imaterialidade. Aço e acrílico, betão e lã pressagiam um aflitivo diálogo entre matéria e espírito assaz visível em «Madeira» (p. 31):

Senta-te nesta cadeira, toma lápis
e papel, não risques o tampo
da mesa nem atires o coração ao soalho,
que faz barulho. Fica aí
na polpa dos anos, deixa, o sal do choro
não mancha a madeira

«Compaixão, Homero», «Silêncio»... são materiais outros que desenvolvem o movimento de “passagem da memória à prefiguração” (p. 22). Uns e outros configuram-se na já referida agressividade aliterativa de sugestões sinestésicas. Serve-os ainda uma tendência aforística, reiterante das convicções assumidas, onde não será despiendo observar questões de natureza metapoética, metaliterária e metalinguística. São evidentes as oscilações formais: com a tentativa de *hai-kai* minimalista e a suspensão *sígnica* dialoga uma empolgada discursividade servida pelo enjambement, ambos evocadores da prosa poética.

São pontiagudos os poemas de «Para um Manual de Auto-ajuda». Ferem, dilaceram, oscilando entre o sublime e o grotesco. Mais que de auto são, sobretudo, de *hétero-ajuda*; a retórica do eu convoca um tom de voz sentencioso e perturbador que acautela e alerta para os desconcertos da vida em jogos conceptuais:

Evita os círculos viciosos
e os ciclos viciosos
e os circos virtuosos. (p. 55)

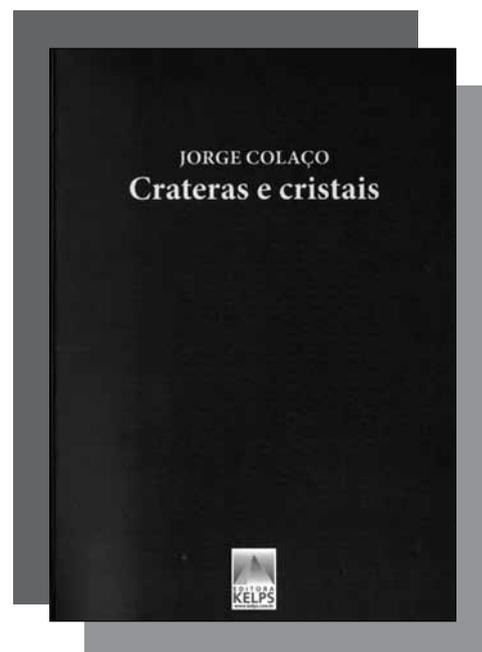
Matéria e espírito alternam posições e convivem numa feição aristotélica ainda que o poeta não cesse de, sagazmente, advertir para a incongruência da sua natureza:

O vício deforma.
O vício de forma fere.
De onde se infere
ser a lei menos
plástica que a moral.
Convém
teres isso em conta. (p. 84)

As oscilações tornam-se vertiginosas em «Textos Atópicos». Vestígios camonianos («Dialéctica Camoniana», p. 106) e pessoais («Não, não é só cansaço», p. 98) justificam contradições e desalentos, utopias e realidades, euforias e disforias numa cromática metaforização de oscilantes estados de espírito. Mais directos, incisivos e pessimistas, estes «Textos Atópicos» são armas de denúncia do combate que o poeta tem vindo a travar num mundo material e imaterialmente desconcertante gerador de dúvidas e incertezas em que:

(...)
talvez a poesia não seja
o lugar onde
se nasce, mas tão só
um estado a que se chega. (p. 101)

Concordo, Poeta, ofício e labor servem a poesia. O poeta inspirado não vive sem o artesanato. Cruzei-me, sistematicamente, coerentemente, assertivamente, com ideias tecnicizadas e técnicas idealizadas durante a leitura do volume publicado em Goiânia, e vi que a refração da luz nos *cristais* iluminava gigantescas *crateras*. Depois, são só questões anisotrópicas! Por isto, e por muito mais que aqui não cabe, sei que o “estado” foi alcançado.





Paulo Samuel
ensaísta e investigador

Quando o Porto tinha Voz

Quando o *Porto Tinha Voz* é um depoimento incontornável para uma reflexão e problematização sobre as estruturas e os mecanismos que movem a vida política nacional, escrito por quem afirma não ter qualquer orgulho em ter sido deputado na Assembleia da República...

Manuel Coelho dos Santos começa em páginas iniciais por lembrar a importância que os cafés tiveram no Porto, as tertúlias que neles se formavam e desenvolviam, em particular no já extinto «A Brasileira», lugar de encontro de artistas, actores e cidadãos comuns, onde todos conviviam com figuras que mantinham no Porto a memória de outras lutas, como a do 31 de Janeiro, ou a mais recente campanha do General Norton de Matos. *“Foi lá que fui contactado para intervir nos processos do Tribunal Plenário, na defesa de adversários do regime, e para ser candidato a deputado pela oposição”.*

Nisso se centra a primeira parte. O autor, então jovem advogado, acolhe a defesa de presos políticos no Tribunal Plenário do Porto, acusados na sua maior parte de pertencerem ao MUD-J, processo judicial que durou de Dezembro de 1956 a Junho de 1957. Nessas funções, Manuel Coelho dos Santos virá a conhecer José Augusto Seabra, um dos mais novos dos acusados, então com 18 anos de idade, já antes preso em Coimbra, com 17 anos, episódios que o próprio registará no seu livro *De exílio em exílio* (editado em 2004 e apresentado por Coelho dos Santos). Seabra será condenado a 10 meses de prisão, pagamento de multa de 2000 escudos, ficando ainda com os seus direitos políticos suspensos por 5 anos. Assinala Manuel Coelho dos Santos que ter numa cidade como o Porto, *“durante meio ano, num aparato judicial nunca visto, sessões de audiências que chegavam a alongar-se para lá da meia-noite, não podia deixar de ser marcante. [...] para as figuras gradas da oposição, era este o único palco onde era possível dissertar sobre a liberdade de opinião e de expressão”.*

O envolvimento do autor e de outros cidadãos portuenses e do Norte do país na campanha eleitoral de candidatos do Porto e da Oposição, em Dezembro de 57, constitui a segunda parte do livro. Essa acção ter-se-á ficado a dever ao empenho de duas personalidades: Artur Santos Silva (pai) e Artur Andrade. E acrescenta: *“Foi no meu escritório (e talvez por isso se me tenha mais vincado essa memória) que se fez a reunião para a constituição da lista de candidatos”.* Segue-se a descrição detalhada da campanha presidencial do General Humberto Delgado –



Manuel Coelho dos Santos
(à esq.) com Ribeiro dos Santos

iniciada com uma audiência solicitada ao General em Janeiro de 1958 – e a participação do autor em todo esse processo. É uma das partes mais importantes e substanciais que o livro comporta, quer pelo relato de quem vivenciou todo o processo e pode, com autoridade, informar com elementos novos a condução dessa candidatura, quer por contradizer um certo registo oficial, convergindo dos meios lisboetas e do Poder, que ao longo dos anos e até à actualidade remete para segundo plano ou papel secundário a importância que teve o grupo dos “democratas independentes do Porto” na decisão tomada pelo *Homem sem Medo*, cuja vinda ao Porto para formalizar publicamente o compromisso, em 14 de Maio de 1958, resulta nu-

ma recepção apoteótica (registam várias fontes cerca de 200 000 pessoas nesse acolhimento¹), culminando com o Comício no Coliseu do Porto. A campanha do General Humberto Delgado para presidente da República constituiu o maior e porventura mais importante movimento político de base popular contra a Ditadura. No entanto, o que poucos escrevem e está escamoteado na narrativa “oficial” dedicada ao tema é que a sua irrupção e impacto nacional teve na Cidade do Porto e no meio portuense a sua origem. Não foi, contradiz o autor, a conferência no “Chave d’Ouro” (onde esteve com Ramos de Almeida) e a famosa resposta do General a um jornalista “Obviamente demito-o” que desencadearam o êxito de toda essa cam-



Em campanha



panha que fez estremecer o Regime. *“Obra nossa e da cidade do Porto, não admira que o sucesso de tal campanha apareça, no que por aí se tem escrito, como devido a factores a ele alheios”* - reitera Manuel Coelho dos Santos, não por simples convicção ou dedução opinativa, mas com base na coerência que só a presença de quem interveio consegue comprovar. Participe desde a primeira hora, descreve ao pormenor os encontros e as decisões sobre a orientação a seguir, o perfil do candidato, a lista de assinaturas, a apresentação da candidatura à imprensa, aduz excertos dos comícios e dos discursos. Fala das consequências do sucesso havido no Porto. *“Se só de Lisboa se tratasse, nunca teria havido Delgado”* - não hesita em afirmar.

A terceira parte do livro prende-se com as eleições de 1969 para a Assembleia Nacional, às quais se candidata a C.E.U.D. (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática) do Porto, cuja lista, além de Manuel Coelho dos Santos, inclui figuras como Mário Cal Brandão, Artur Santos Silva, José Luís Nunes, José Machado de Matos, António José de Sousa Pereira, Abílio Lopes Cavalheiro, António José da Silva Júnior e Sofia de Mello Breyner.

A quarta parte diz respeito à participação do Dr. Manuel Coelho dos Santos noutras acções e vínculos a grupos e movimentos de índole política, como a Acção Socialista e a criação do Partido Socialista (antes do 25 de Abril), a sua ligação à direcção da Comissão Cívica Independente (em finais dos anos 70), constituída por um pequeno grupo de democratas, tendo como figuras destacadas o Professor José Augusto Seabra, no Porto, e o Professor Vitorino Magalhães Godinho, em Lisboa. *“A iniciativa da CCI não surgiu por acaso. Se a Comissão preleccionava a educação cívica como disciplina obrigatória logo desde a primária, num esforço destinado a preparar as novas gerações para os seus deveres de cidadania, era exactamente por sabermos quanto ao grau de intervenção cívica responsável corresponde um exercício de poder mais atento e democrático. Quando olho para trás, para as últimas décadas, a Comissão Cívica Independente, a que pertenci, é o meu maior motivo de orgulho.”* Transcreve depois partes do Manifesto e do texto de apresentação da CCI publicado na revista *Nova Renascença*.

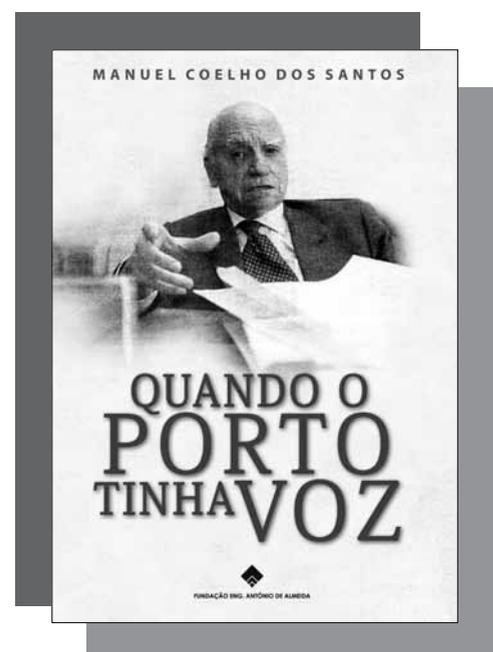
Seguem-se, em capítulo subsequente, algumas páginas dedicadas à “triste história” da regionalização. Para o autor, esta só interessou aos dois maiores partidos da alternância governativa enquanto serviu de bandeira para campanhas eleitorais e cativar o voto de populares e dos crédulos nas promessas dos políticos. A ninguém interessa, reafirma, a perda da centralização das decisões do governo e da distribuição dos fundos financeiros.

Mas é a fundação do PS, após as eleições de 69, e do papel que o Porto nela teve que levam o autor a uma análise mais detalhada e decerto desconhecida para muitos. O leitor fica a saber, ou lembra, que foi no Porto que a ideia ganhou vínculo, *“e foi também aqui que, a nível nacional, se deliberou avançar para a criação do partido. [...] A fundação do PS é discutida em casa do Cal Brandão. [...] Tinha sido estabelecido que, em representação do Porto e do Norte, iríamos à Alemanha o Mário Cal Brandão e eu. Os bilhetes de avião, con-*

tudo, não nos foram entregues a tempo - e por isso o Norte não esteve na Alemanha”.

Manuel Coelho dos Santos não hesita em afirmar que só no pós-25 de Abril, se fez *“o apagamento do Porto”* e se cindiu a unidade que havia entre os oposicionistas portuenses. *“Do nosso lado, que era o lado do PS, ficaram logo de fora o Artur Santos Silva e o Olívio França, que ajudariam à fundação do PPD, levando consigo outros colegas nossos como o João de Araújo Correia e o Vilhena de Andrade. Vindos de fora, outros companheiros a que sempre estivéramos ligados, como o Emídio Guerreiro e o José Augusto Seabra, foram afastados, por força da oposição do Mário Soares, para o PPD.”* Os “velhos” são afastados, e apenas se advoga a criação de estruturas de “massas”, ainda que sem nenhuma preparação política e muito menos qualquer sentido de interesse nacional. Os partidos passam a impor condutas militantes (mais tarde, obediência de voto), a hegemonia ideológica, quando não de restrição a um pensamento que coloque acima dos interesses pessoais e partidários a defesa dos ideais de um humanismo vocacionado para o bem público.

Conclusão



NOTA

1 De resto, como refere o autor, também no Porto se realizara o maior comício da campanha de Norton de Matos.

**Adriano Moreira**

presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa; presidente do Conselho Geral da Universidade Técnica de Lisboa

Uma obra de invulgar cultura

1 - Ao receber a honra de ser convidado para apresentar este novo livro do Dr. Rodrigues da Silva, não pude deixar de meditar sobre os fins de época a que a sua longa vida assistiu, e na qual participou. Recordei o que era a Faculdade de Direito de Lisboa, na qual se formou em 1957, quando o império euromundista se desfazia, e em Portugal o ensino vigente dedicava naquela escola um semestre ao ensino do direito colonial. Viveu e assistiu ao fim do euromundo imperial, com reflexos inevitáveis na vida portuguesa, que demorava a participar na *belle époque* com que o ritmo da história parece criar ilusão, tranquilidade, e descanso, depois de cada grande convulsão, descuidando os sinais de nova crise, como agora acontece. A Primeira Guerra Mundial, de 1918, que foi esperançosamente chamada apenas Grande Guerra até que a segunda de 1939-1945, obrigasse a corrigir a designação para Guerras mundiais, colocava um cisne negro (Popper) na mudança, marcada pela Declaração de Filadélfia e pela Declaração de Direitos da Revolução francesa, de *Época dos Reis* para a *Época dos Povos*, assim como a de 1939-1945 colocou outro cisne negro na passagem da ordem dos Estados-Nações, com proclamação testamentária na Carta da ONU, para a desordem jurídica internacional em que nos encontramos, com o *Credo do Mercado* a pontificar a intervenção de *Deuses* desconhecidos que assumiram o poder com um modelo e discricção do processo que escapou a Maquiavel, e consequência destrutiva de que nenhuma conquista brutal do poder se orgulha.

São muitas as teses ou hipóteses sobre as causas desta última situação, mas não posso deixar de anotar que entre *os fatores internos do mau governo* e *os fatores externos da circunstância mundialista*, houve um destacado *neoriquismo* que acompanhou o *neoliberalismo*, com notável exibição entre nós sobretudo depois das regências de Tatcher e Regan, sendo que o primeiro parece ter sido a doença degenerativa do infeliz segundo, com efeito na estabilidade, segurança, e desenvolvimento sustentado dos ocidentais, não apenas dos Europeus, não exclusivamente de Portugal. Neste caso, a *belle époque* entre os desastres não durou uma geração, e não penso omitir que nada anuncia que a paz não esteja em perigo no consequencialismo desta Crise Global, tal como a Primeira Guerra Mundial começou pela banalidade do assassinato de um Príncipe, e a segunda pela loucura de um homem de fraca estatura e de cabelos pretos, fascinado pela superioridade racial dos loi-

ros nórdicos. O que torna excepcional este livro, é que Rodrigues da Silva, na sua longa vida obrigado a sofrer todas as evoluções que periodicamente puseram em causa a viabilidade do humanismo que professa, conseguiu não abandonar a serenidade do observador atento, e capaz de assumir os riscos, de condenar os erros, de teimosamente incitar à esperança, mantendo sempre fidelidade íntegra ao eixo da roda que são os valores, à democracia que é a maneira de coexistir, ao Estado social que é e expressão da solidariedade, à intervenção que, como anunciou Péricles, é a única maneira de ser ateniense. É muito difícil, ou impossível até para os mais doutos, reunir a mensagem de um livro que se apoia numa invulgar cultura, numa intimidade com a observação pessoal de praticamente todas as áreas culturais e étnicas do mundo, e na independência que caracteriza tanto o magistrado autêntico, como o cientista devotado, nem isso seria útil para os destinatários interessados que não perderão a leitura proveitosa de uma só página do volume. Dedicarei por isso especial atenção a selecionadas partes do estudo, consagrado pela atenção dedicada ao que chama "O novo paradigma", as páginas 95 e seguintes. Reconhecendo que "a política converteu-se no paradigma em torno do qual se constroem o Estado moderno", "que o capitalismo e a tecnociência são outros dos pilares que sustentou e sustenta a modernidade", reconhece que a secundarização das humanidades, dos valores, e portanto da moderação ética exigida em face da "premissa de que os homens podem ser senhores do seu próprio destino", atingiu o "Estado de direito democrático e aos seus valores de referência, deduzidos do par liberdade/igualdade". De facto, o que aconteceu encontra-se resumido na síntese que fez do pensamento de Goethe: "Fausto celebrou com Mafistóples um pacto de sangue que o torna detentor de poderes sobrenaturais. Mas o objeto desses poderes é a transformação do mundo, a ligação entre o autodesenvolvimento e o desenvolvimento económico e social. Fausto quer o dinheiro, o sexo, a glória e o poder ao ponto de perder a alma mas para através deles transformar o mundo. Este é o sentido da relação de Fausto com o dinheiro: os poderes ocultos só se podem desenvolver através daquilo a que Marx chamou "os poderes ocultos", negras e aterradoras energias que podem irromper com uma força tremenda, para além do controlo humano". Lembremos que o notável Delors, ao fixar o modelo "da sociedade da informação e do

saber" para a Europa, não fez qualquer referência às humanidades, hoje em crise no sistema universitário estadual.

O resultado, lembrando que Monet, nas Memórias, diz que então, na data em que as escrevia, pensava que devia ter começado o projeto da futura União pela cultura, é que, como o nosso autor sublinhou, "no domínio do neoliberalismo, com a globalização e nova ordem internacional assentes no mercado a dominarem tudo", o poder político, que no liberalismo, "se quisesse podia regular os mercados", "agora, no decurso do neoliberalismo, com a globalização e a nova ordem internacional assente no mercado a dominarem tudo, não pode", e, seguindo Jean-Pierre Jouyet, lembra que "a contradição entre o

JOSÉ M
RODRIGUES

A NOVA
INTERNACIONAL
CRISE E
O NEOLIBERALISMO PODE

PREFÁCIO DE M

Chiado

MARIA
S DA SILVA

ORDEM
IONAL E A
UROPEIA
SER UM TOTALITARISMO?

MÁRIO SOARES

Editora

exercício da democracia e o poder dos mercados financeiros ameaça o equilíbrio social". Por mim acrescentarei que a relação entre sociedade civil, poder político, e conjuntura internacional, de que se pretende um funcionamento articulado, mostra ter quebrado o valor da confiança entre os três fatores e que temos não uma *ordem jurídica* racionalizada, mas uma anarquia em que nem todos os fatores intervenientes são identificáveis, nem sabidos os seus contraditórios conceitos estratégicos. Com a agravante de que em nenhum dos setores se encontram as vozes inspiradas dos líderes, como tivemos depois da segunda guerra mundial, que consigam inspirar uma reformulação e aceitação de um futuro pelo qual se deva lutar.

Daqui, a importância do Capítulo (pg. 123) que intitula «*Crise de Portugal ou Crise da Europa?*». Exigem certamente meditação atenta os parágrafos destinados a explicar o *Estado Espetáculo*, um conceito que fez a celebridade no século passado de Schartzenberg, que foi uma invenção do *poder político*, e acompanha os sinais da libertação da *criatura* do seu criador, com a supremacia dos meios de comunicação social a definirem a realidade social e política em função dos seus próprios conceitos empresariais, e com a consagração do *comentarismo* como nova arte menor da antiga *retórica* do trivium universitário. São iluminantes comentários sobre a crise *européia* que sobreleva em consequências as culpas portuguesas internas, o *novo riquismo* que consentimos para além das capacidades, acrescentando por nós a falta de um *conceito estratégico nacional* acima das divergências partidárias, e a ignorância da advertência secular da gente da minha aldeia, segundo a qual o pobre, quando come mel, lambuzo-se, e aqui se verificou com os abusos financeiros, ilícitos e lícitos, que os cidadãos estão a pagar a duras penas. Mas o consequencialismo desse acumular de erros, que o texto denuncia e condena, cobra hoje o preço de a unidade europeia ser afetada, e o seu *regionalismo específico* não lhe dar a dimensão e poder suficientes para estar em pé de igualdade com os Estados Emergentes. Não vale a pena regressar às palavras que Vitor Hugo colocou na boca de Gravoche: "*Je suis tombé par terre / C'est la faute à Voltaire / Le nez dans le ruisseau / C'est la paute à Rousseau*". A Chanceler alemã faz lembrar o *limes* do Império Romano, que em nossas vidas se transformou na fronteira da pobreza, a qual no século passado o PNUD traçou ao Sul do Saara, e que agora ultrapassou o Mediterrâneo abrangendo os também chamados países periféricos, incluindo a Grécia, a Itália, a Espanha, Portugal, a Irlanda, e agora, espetacularmente, Chipre, que lembra o poema do Pirata de Espronceda, em vista do método aplicado ao assalto às economias depositadas nos Bancos da metade de Ilha. Isto numa data em que a maior parte dos países do mundo são incapazes de responder aos desafios da natureza, cuja deusa grega parece revoltada contra os excessos cometidos contra a morada comum dos homens, que é a Terra. A profunda análise, e apoio em sérias observações, sobre a debilidade que o incoerente Tratado de Lisboa representa, tem o seu ponto mais crítico, e bem definido, na falta de existência de uma sociedade civil europeia. Facto que sublinha pessoalmente notando a falta de um conceito estratégico europeu, que não depende da unidade da língua, nem da unidade da etnia, depende da *maneira específica de estar no mundo*, e isso nunca foi explicitado com maior clareza, nem sequer nos famosos Colóquios de Geneve, do que no pequeno grande livro de George Steiner, o da Europa dos cafés que merece a maior atenção ao nosso autor. A tese do livro, que está excelentemente apoiada em indagações pessoais, avaliação de opiniões de autorizados como Paul Krugman, é a de que se a

unidade europeia, por quebra de solidariedade, por deficiências evidentes do Tratado de Lisboa, for quebrada, a Europa perderá voz no mundo. O que não é possível é que o poder efetivo seja assumido pelos países do centro europeu a lembrar a tentação do Diretório de má memória, apoiados no prestígio opinativo das agências de rating que dominam e todos pagamos, sofrendo os efeitos sistémicos desencadeados para a periferia na sequência da falência do Lehman Brothers, como foi antecipado por George Soros. Os mercados soberanos reduzem Portugal à situação que eu próprio entendo ser de protetorado, acrescentando que isso vem acompanhado da humilhação de o Governo português comparecer periodicamente perante os funcionários conhecidos como Troika, como alunos perante perfeitos de estudos, que vão certificando os erros de previsão, de prospetiva, e de gestão, de acordo com a bíblia neoliberal pela qual foram instruídos. Alguns economistas admitem que o próprio capitalismo, se não mudar a receita, caminha para a ruína. Mas a pergunta crucial do nosso autor é a de saber se o liberalismo pode ser um totalitarismo. Nota, inquieto, que "os economistas, que os há em Portugal, e de mérito, que discordem do neoliberalismo, que se rebelem contra a *opressão* dos mercados, não aparecem na televisão", quando o regime é de tele-democracia. O texto fez-nos imediatamente lembrar que o nível da carga tributária portuguesa atingiu a fadiga da comunidade, que as exigências às pequenas e grandes empresas implicam que somem aos impostos os encargos que crescem com os seus trabalhadores a trabalharem para a máquina fiscal, com as privatizações que substituem os impostos e taxas pelo aumento de preços, tudo suportado por uma comunidade cujos contribuintes diminuem pelo desemprego, por uma população que sofre a implosão demográfica específica dos mais qualificados, que se ausentam do país, e todos alarmados com a criminosa imposição feita à população de Chipre, cujas poupanças foram simplesmente confiscadas, um dado que o livro já não pôde recolher. Em síntese, usando palavras do livro, "o porquê da crise atual do capitalismo está no facto de haver uma globalização económica desacompanhada da política e de a política ter deixado de ser capaz de controlar os mercados financeiros". Defende a evidência de que "entre o económico e o social tem de haver um equilíbrio", e que "não podemos reduzir o poder do Estado para libertar a pessoa e libertar os poderes em vez da pessoa". Para terminar, acrescentarei que Portugal foi colocado frequentemente na situação de Estado *exógeno*, isto é, sofrendo os efeitos de causas em que não participou, como se passou com as duas guerras mundiais, que, vítima do *neoriquismo* interno que se acrescentou à crise global, derivou para *Estado exíguo*, isto é, com *recursos insuficientes* para os objetivos da soberania do século XVI; que a soma destes fatores o conduziu a *posição de protetorado*, com a circunstância agravante de lidar com *empregados* dos gestores do mer-

cado, e não com decisores em pé de igualdade. Na data em que a crise é global, estranha-se que o Conselho Económico e Social da ONU não tenha sido chamado a regular a ganância internacional, sobretudo tendo a experiência do PNUD (Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento) no sentido de que os pobres já tinham pago em juros mais do que tinham recebido em capitais. O livro é um poderoso contributo para que os nossos Estados pobres, do Norte do Mediterrâneo, estejam legi-

timados para exigir que a União Europeia cumpra o Tratado, não consinta poderes de facto, e entenda que se o seu regionalismo falhar, a Europa perde a voz no mundo, e que regressar à imposição do Limes romano como fronteira entre os pobres e os ricos é o início da falência global do projeto europeu.

NOTA

Texto de apresentação do livro, na Fundação Mário Soares, Lisboa, em Abril.

José Maria Rodrigues da Silva, juiz conselheiro, acaba de publicar «A nova ordem internacional e a crise europeia - O neo-liberalismo pode ser um totalitarismo?». A sua obra, que "tem privilegiado a reflexão multidisciplinar sobre o Poder e a Modernidade", inclui ensaio, ficção, poesia e teatro. É presidente da Associação de Amizade Portugal/Croácia, foi presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses e vice-presidente da Associação para o Progresso do Direito. No dia 18 de Junho «A nova ordem internacional e a crise europeia - O neo-liberalismo pode ser um totalitarismo?» será apresentado no Porto, na Fundação Eng^o António de Almeida, pelas 17 horas.

Resumo do Autor

«A Nova Ordem Internacional e a Crise Europeia», subtítulo «O Neo Liberalismo pode ser um Totalitarismo?», é um livro indispensável à compreensão do mundo actual.

Explica-nos de que modo a globalização e o consenso entre os Mega-Estados fez com que a economia, uma economia financeirizada, subordinasse a si a política, o Estado de direito esteja prestes a ser substituído pelo "Market-State" e a empresa tenha primazia sobre a pessoa. Sendo o comércio global livre o valor dos valores, os mercados financeiros substituem-se aos bancos centrais no financiamento da economia, o que faz com que as crises financeiras, cada vez mais frequentes, originadas obrigatoriamente num Mega-Estado, destruam os pequenos Estados, aos quais os mercados financeiros exigem juros exorbitantes para continuarem a financiá-los. Desregulados, como o exige o neo-liberalismo, os mercados financeiros convertem-se nos donos do mundo.

Só por si, Portugal não pode mudar esta nova ordem. A União Europeia, que foi idealizada para ser uma resposta à globalização, poderia. Mas os seus poderes reais, eles próprios neo-liberais, não querem. Que fazer? Não pondo em causa o capitalismo, empresa hoje votada ao insucesso, restamos a nós portugueses, sair da U.E. para vivermos mediocrementemente ou, a nós europeus, promovermos o regresso à Europa da social-democracia ou socialismo reformista e voltarmos à economia do Estado do pós-guerra, refazendo o equilíbrio entre o económico e o social, com apoio no planeamento da economia. Será a Europa, uma Europa decadente, capaz de o fazer? A resposta cabe aos europeus.

Já repararam que a visão do mundo do neo-liberalismo global e a do marxismo histórico são idênticas? A ética, o direito, a cultura, são aspectos superficiais, que desaparecerão (neo-liberalismo) ou meras superestruturas (marxismo histórico).



Daniel Serrão
médico

Cara Ana

Acabei de sair do seu Oásis e estou, ainda, perturbado. Sabe que sou um crítico exigente, em especial de mim próprio. Estou a interrogar-me: que viste tu no Oásis? Apenas uma cana, agitada pelo vento?

Vou responder.

A sua escrita narrativa e o seu desenvolvimento temático colocaram-me entre a realidade vivida e o sonho sonhado. Entre o Fred, músico e poeta, e o Fred criador de beleza intemporal, para si (a autora) e para a Ana, ou Estrela, ou Esmeralda, ou Maria...

Numas páginas parece uma reportagem de uma banal aventura em Paris, mas não é. Noutras vemos um relato de situações tocadas pela magia do sonho, mas não estamos a ver bem.

O que esta escrita é revela-se numa criatividade absoluta que tanto cria sonho como cria realidade, que viaja, com a mesma facilidade, pelos escaninhos da autoconsciência, onde tudo acontece, como pela descrição de lugares, pessoas e situações; pelo diálogo crítico consigo própria e, de súbito, pelas vivências emocionais que irrompem no texto sem pedirem licença para entrar.

Quem gostar de rótulos não conte comigo para os usar aqui.

A sua escrita, Ana, está fora dos estilos classificados, dos estereótipos habituais - conto, romance, novela, ensaio,... - e não hesito em dizer-lhe, a si e aos leitores, que é escrita criativa, ponto final.

Mas não faltarei ao respeito pela liberdade da Autora se afirmar que é uma escrita elegante e sedutora na sua elegância, dando prazer ao leitor, e que tem deliciosos achados de invenção semântica e semiótica, "brincando" com a expressão grafémica, achados que transportam o leitor para o mundo onírico. Porque neste outro mundo as regras da correspondência entre signo e significado têm de ser outras. E é a Ana que as cria, claro, para que possamos viajar consigo.

Por isto, Ana, o que vi no Oásis, não foi apenas uma cana agitada pelo vento.

Estavam, com ela, a ciganita que sabia ler nas mãos o futuro irreal, o Sr. Coelho que comungou Luz, a Maria que adorava a areia fina nas suas mãos, que nem eram mãos, e o Moai da Ilha de Páscoa que falava e de cujos olhos deslizou uma lágrima de saudade.

Gostei de os conhecer, creia.

A estes e a tantos outros habitantes do seu fértil Oásis. Ganhou jus ao título. Seduziu-me.



NOTA

O livro «Vou seduzir-te», de Anaoásis (Maria Antónia Jardim), será apresentado em Lisboa no dia 24 de Maio, às 18h30, na Bertrand do Chiado, pela professora, investigadora e membro do CLEPUL Annabela Rita. No Porto, a apresentação, será feita pelo médico, professor e autor do Prefácio Daniel Serrão, no Hotel Infante Sagres, no dia 26 de Maio, às 17h30. No dia 30, será a Universidade de Paris - Sorbonne a acolher mais uma apresentação do livro.



António Fournier
escritor

Chove sempre em Como

Eo lago à nossa direita, envolto na névoa. E o perfil oblíquo das montanhas que se abre em leque. E a cortina de água que avança lentamente. Gianni graceja sobre a troca de guarda-chuvas no restaurante. O meu que foi levado por engano. E o que levei em seu lugar, que estava em melhor estado. Subimos a alameda debaixo da chuva batente. O coração de Gianni vacila dentro da gabardina bege, molhada. O repuxo da fonte reequilibra o espírito. Recuperamos o fôlego e entramos na villa antiga iluminada por dentro, com as vidraças viradas para o lago.

No fundo do salão o médico fala de estar à cabeceira dos pacientes e ler-lhes poesia. A poesia não é balsâmica, não cura a dor, mas suaviza-a. Recordamos melhor os eventos que nos provocaram emoções intensas. Quem não experimentou na pele o fechamento das suas estradas? O médico fala de um novo instrumento de ressonância que permite identificar as zonas que se activam no cérebro quando se recita poesia. Acendem-se áreas da linguagem, mas também áreas simbólicas, áreas profundas do cérebro emotivo, do seu sistema límbico. Palavras como beijar, morder, acariciar evocam emoções perceptivas nas pupilas. Emoções potenciadas pela componente rítmica do poema. A poesia, diz o médico, provoca no cérebro a serotonina, a evocação de estados psíquicos felizes, a modulação serena do pensamento. Fora, ao lado da magnólia gigante, o lago abre-se a um tímido raio de sol. A espuma de uma lancha branca corta cerce a neblina remetendo a humidade para a margem distante. Aos poucos altera-se a percepção do tempo. Desabituar-se de um clima afectivo leva tempo. Tudo é ar, tudo é inconsistente. Alguém declama um poema: “Grandes cidades afogadas em fumo / e ruído exprimem / na nossa mente o seu silêncio / límpido, edifícios / simples emanções de luz / que nos queima as retinas / fictícias. Pensamos os lugares como / uma irrealdade. O não visto apodera-se / da névoa que nos cega”.

Um guarda-chuva azul avança ao longe junto à margem. Debaixo do guarda-chuva divisa-se um impermeável vermelho. É uma mancha de cor que agride a paisagem monocórdica, perfurando o lençol de água. Aproxima-se, atravessa as neblinas, os mistérios, a água subterrânea. A mulher com o impermeável vermelho sobe a ladeira. Está cada



vez mais perto, ainda envolta na chuva. Entra na sala. Sacode o guarda-chuva, tira o impermeável, passa as fileiras de cadeiras, senta-se na primeira fila. A mão direita sacode os cabelos molhados. Vejo o seu perfil, a linha do pescoço. Chove agora no poema. Depois de uma fase de grande sofrimento psíquico, há como que uma libertação. Não uma explosão de alegria, mas como naquele poema em que depois de tanto esperar, nasce uma pérola no lugar do coração. Essa pérola é a dor aperfeiçoada ao ponto de se tornar uma recordação perfeita, acabada, indolor. Que se pode ver só de fora. Engendrada a pérola, o sofrimento cessa. Como os lagartos, a auto-mutilação foi usada como defesa e serviu para regenerar a dor. A sessão chegou ao fim. A sala esvazia-se. Perdi-a de vista a mulher do impermeável vermelho. Desapareceu entre a multidão. Na cadeira onde se sentou há um papelinho dobrado. Aproximo-me. E reconheço o meu guarda-chuva apoiado ao lado da cadeira.

Anoitece lentamente no lago. A atmosfera desanuviou. A montanha na outra margem está agora envolta na penumbra. O recorte dos cumes é negro e nítido e por cima paira uma espécie de poalha rosa. O silêncio envolve tudo. Na obscuridade só se ouvem os

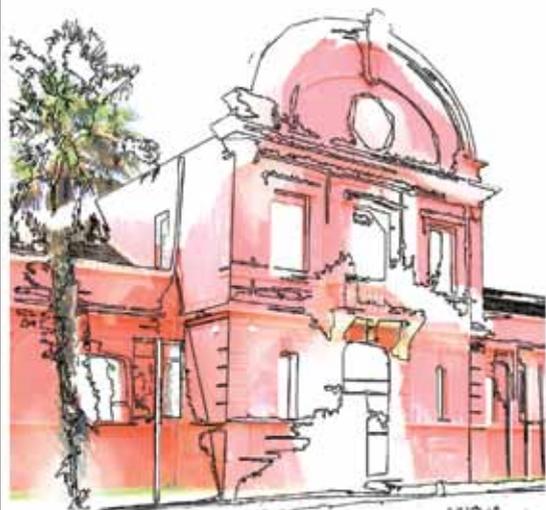
grilos. Acendem-se as primeiras luzes que cintilam na água obscura. Dizem que num destes lagos, há uma ilha onde crescem figos da índia, bananas, flores exóticas. A grande superfície de água acumula calor e depois, à medida que a temperatura desce, liberta estas brisas que fazem de tampão e permitem uma espécie de verão índio. É uma espécie de jardim flutuante fora do tempo, fora das estações. Dizem também que está infestada de lagartos de Madagáscar trazidos pela rainha Vitória numa das suas vilegiaturas em Stresa. Ao lado das camélias, cresce a lavanda e o rosmaninho. Sente-se o seu perfume. Debaixo dos arbustos paira a grande noite silenciosa. O último vaporetto está quase a partir. Preparo-me para atravessar a porta de água. Lá na ilha, a mulher do impermeável vermelho está à minha espera. Esta tarde escreveu no bilhete que deixou para mim: “Rapiscimi/ rubami / portami via/ proteggi-mi/ tienimi come tuo segreto”.

NOTA

Este conto tem por cenário a Villa del Grumello, junto ao lago de Como, que contou em Abril de 2012 com a presença do poeta português Gastão Cruz, no âmbito do Festival Europa in versi. O poema citado no texto é de sua autoria.



2ª. BIENAL internacional MULHERES D'ARTES



A 2.ª Bienal Internacional Mulheres d'Artes, no FACE - Fórum de Arte e Cultura de Espinho, inaugura no dia 1 de Junho, às 15 horas. À hora de fecho desta edição estavam inscritas 120 artistas portuguesas e estrangeiras, o que faz com que os responsáveis afirmem que seja um dos maiores eventos do género. Um dia antes da inauguração haverá um encontro sob o tema «Mulheres d'Artes de diáspora», com comunicações de Isabel Ponce de Leão e Manuela Aguiar. Esta pré-inauguração (a 31 de Maio), com início marcado para as 17h30, conta com a presença do secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário. A mostra estará patente durante os meses de Verão.

Lembrar Cassio Mello

“Encanta-me a liberdade que reina, eterna, nos animais” disse um dia Cassio Mello, nascido em São Paulo (Brasil), em 1930 e falecido no Porto (Portugal) a 15 de Agosto de 2011. Talvez por isso se tenha especializado na pintura de animais em óleo sobre tela, sobretudo o cavalo. As suas obras fazem parte de um valioso acervo de mais de 2000 colecionadores de arte e criadores de cavalos de raça do

Brasil, Argentina, Estados Unidos da América e Europa, retratando famosos e belos animais. A partir do dia 18 de Maio será possível apreciar oito dessas obras do artista plástico também conhecido pelas pinturas de monumentos históricos, no Museu do Vinho do Porto. A inauguração da mostra, que será apresentada pela também Constância Nèry, integra-se no programa que o Vivacidade - Espaço Criativo organizou para assinalar o Dia Internacional dos Museus e que inclui outros momentos culturais e que tem início às 17h30, no Museu do Vinho do Porto. A propósito deste momento para lembrar Cassio Mello, Constância Nèry escreveu: “Saudades, Cassio. Tivemos o grande privilégio de conviver por muitos anos com Cassio Mello, essa criatura maravilhosa que soube sempre ser muito adequado. Os criadores de cavalos de raça puro-sangue, também colecionadores de arte de alta qualidade, alimentaram no artista a busca constante pela perfeição. No acervo de exigentes criadores e proprietários, estão várias obras do artista a eternizar os mais famosos cavalos. O nosso educado cavalheiro já não está entre nós, mas suas obras são constantemente exibidas por amigos que teimam, gentilmente, em manter viva a sua memória, através de homenagens de grande porte como esta”. A exposição estará patente até 16 de Junho.

José Rodrigues na Árvore

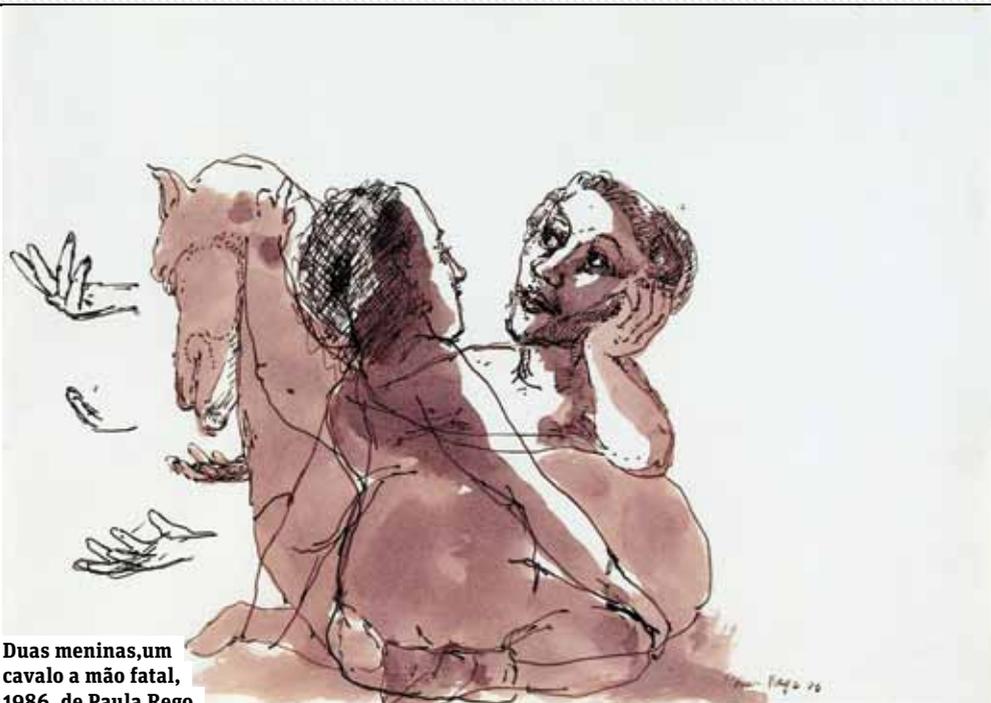
A Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas acolhe «José Rodrigues - Anos 60/Anos 70 | Desenho e Escultura», uma mostra de homenagem ao escultor que foi um dos fundadores deste espaço cultural do Porto. As obras que vão ser vistas nas salas da Árvore mostram diferentes facetas de José Rodrigues. Os desenhos (inéditos de 68 e 69) e as peças metálicas como exercícios formais que estabelecem diferentes espaços, perspectivas e planos e se apreciam os jardins em acrílico como propostas narrativas que evocam espaços, mas de uma outra natureza, cénica e principalmente poética. A exposição integra-se nas celebrações dos 50 anos da Cooperativa. Como parte da animação da exposição, amanhã, 17 de Maio, às 18h30 uma tertúlia «Vamos falar de teatro? A Cenografia de José Rodrigues» com a presença de António Capelo, António Reis, Carlos Avilez, Estrela Novais, Jorge Pinto, Júlio Cardoso, Manuela de Melo e introdução de Leonor Soares. No dia 22 de Maio, às 18h30, Laura Castro, comissária da exposição e autora do texto do catálogo orientará uma visita à exposição. Dia 31 de Maio, igualmente às 18h30, haverá leitura de textos feitos para José Rodrigues por Jorge Pinto com um apontamento musical. A exposição pode ser visitada até 8 de Junho.



Série Geometrias, 1969. Coleção Convento de San Payo

«Arte em Segredo»

A Galeria dos Leões (na Reitoria da Universidade do Porto) acolhe mais uma edição da exposição «Arte em Segredo», organizada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. «Arte em Segredo» reúne obras criadas especialmente para o efeito por figuras de renome da arte nacional e internacional. A originalidade do evento é que os nomes dos autores de cada obra estarão escondidos do público e em segredo ficarão até à altura da aquisição - por um preço simbólico de 65 euros - de cada uma das peças. Nesta edição, as obras só podem ser adquiridas durante o dia de amanhã (16 de Maio), último dia da exposição.



Duas meninas, um cavalo a mão fatal, 1986, de Paula Rego

FPT continua a mostrar obras da sua colecção

No âmbito das comemorações do Dia Mundial das Comunicações, amanhã (17 de Maio), a Fundação Portugal Telecom (FPT) inaugura a 10.ª mostra de obras da sua Coleção de Arte Contemporânea na Fundação Portuguesa das Comunicações (Lisboa). A exposição integra um conjunto de 19 peças de 14 artistas, como Paula Rego, Ana Hatherly, Ângelo de Sousa, António Palolo, Alberto Carneiro, Álvaro Lapa, Eduardo Bataida, Gaetan, Joaquim Bravo, Joaquim Rodrigo, Jorge Martins, Michael Biberstein, Pedro Calapez e Rui Sanches. A exposição estará aberta ao público até 25 de Julho.

«Sud - Aviation SE 3130 Alouette II»

A Galeria de Arte do Casino de Lisboa tem patente uma exposição de um helicóptero «Alouette II», até ao dia 28 de Junho. Fruto de uma colaboração com a Força Aérea Portuguesa e o Museu do Ar, a exposição «Sud - Aviation SE 3130 Alouette II» proporciona ao público a possibilidade de conhecer um helicóptero com uma longa história.



«Aguarelisses 12/13»

A Galeria Municipal de Arruda dos Vinhos (Lisboa) acolhe a exposição de pintura de José Guilherme «Aguarelisses 12/13» até ao dia 29 de Maio. Sobre a mesma, o autor escreveu: «Esta exposição é um desfile de cores diluídas em água límpida que não se deixaram depositar no papel, mas sim no coração»...



«40 Anos de Escultura»

A exposição retrospectiva de Helena Fortunato, «40 Anos de Escultura», inaugura amanhã (16 de Maio), pelas 21h30, na Casa Barbot/Casa da Cultura, Vila Nova de Gaia. A mostra pode ser visitada até 28 de Junho.



Lugar do Desenho

As exposições «Juá de vivre», de Ana Vidigal, e «Cair horizontal», de Pedro Sequeira, estão patentes no Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende, respectivamente, até 22 de Junho e 15 de Junho. Recorde-se que a mostra «Caderno de viagens | Júlio Resende Brasil» continua em exibição na Sala do Acervo da Fundação, em Gondomar, permitindo «ver o olhar maravilhado do artista e um tempo de encantamento poético e instintivo nas suas deambulações pelo Brasil». Entretanto, este é sábado (18 de Maio) de visitas à casa-atelier Júlio Resende, uma vez que este espaço está aberto ao público no primeiro e terceiro sábados de cada mês.

«As cores do meu silêncio»

O Vivacidade - Espaço Criativo, no Porto, tem patente a exposição de pintura de António Teles «As cores do meu silêncio», até ao dia 31 de Maio. A mostra é composta por 13 obras em acrílico sobre tela.



© 2013 Blue Bus Turismo, Lda. Todos os direitos reservados. 179/2010 - Reg. n.º 114440 - Turismo de Portugal

NEXT STOP:

city sightseeing

BlueBus 

city tours



FREE GPS audio guide

hop on
hop off

3 ticket options from **10€**



Fasten your SEATBELT!



www.bluebus.pt
www.oportobluebus.com

WELCOME TO PORTO!

FESTIVAL DE MÚSICA DA MAIA 2013

BIT & BEAT

WORKSHOP

DE 30 DE ABRIL A 1 DE JUNHO

MIND DA GAP

30 DE ABRIL 21:30

HALO

GRITO CRU

3 DE MAIO 21:30

DOISMILEOITO

4 DE MAIO 21:30

THE BEETLES

TRIBUTO THE BEATLES

10 DE MAIO 21:30

A KIND OF QUEEN

TRIBUTO QUEEN

11 DE MAIO 21:30

QUINTETO DE LUÍSA CARVALHO

17 DE MAIO 21:30

LOCAL DO EVENTO

FÓRUM DA MAIA

VENDA DE BILHETES

FÓRUM DA MAIA
TURISMO DA MAIA

INFORMAÇÕES CULTURA.MAIADIGITAL.PT



ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

GRUPO DE FADOS
GRUPO DE TANGOS

18 DE MAIO 21:30

ORQUESTRA DE CÂMARA DA MAIA

TRIBUTO VERDI
E OUTROS COMPOSITORES

24 DE MAIO 21:30

JOGO DE DAMAS

QUARTETO VOCAL FEMININO

25 DE MAIO 21:30

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DA MAIA

31 DE MAIO 21:30

PEQUENOS CANTORES DA MAIA

CINE FANTASIA

1 DE JUNHO 21:30





Rudesindo Soutelo
 compositor e mestre
 em Educação Artística

O papagaio

Questão central no Processo de Bolonha é o da mudança do paradigma de ensino de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências”, lê-se no preâmbulo do Decreto-Lei 74/2006. Para o Currículo Nacional do Ensino Básico já vigorava esse modelo desde o decreto 6/2001, que estabelecia princípios orientadores “visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspetiva de formação ao longo da vida” (artigo 3.º h). Há um século, essas ideias geraram uma ciência da educação para uma Pedagogia Nova, deslocando o foco de atenção desde o professor (magistrocentrismo) para o aluno (puerocentrismo), mas não consolidaram uma tradição de comportamentos humanos que transformasse a sociedade.

Entre avanços e recuos, o Despacho 17169/2011 do Ministério da Educação e Ciência afirma que as competências “se vieram a revelar questionáveis ou mesmo prejudiciais na orientação do ensino” e, levantando a bandeira ideológica, argumenta que “menorizou o papel da transmissão de conhecimentos” e ainda “da memorização”. O decreto 6/2001 e o documento das Competências Essenciais¹ ficaram, assim, revogados e o Despacho 5306/2012 anuncia Metas Curriculares que, na música, estão ainda por definir. “O espírito de disciplina, trabalho, esforço, persistência e concentração deve ser desenvolvido nos estudantes de forma sistemática e progressiva”², afirma Nuno Crato no seu livro *O 'eduquês'*, e conclui “O ensino tem de formar elites” e apresentar vias alternativas para os menos favorecidos³. Com os próximos ministros voltaremos a ter avanços e recuos porque ninguém quer arriar a bandeira ideológica para iniciar um consenso sobre o modelo de ensino e de sociedade.

Nos finais do século XIX houve uma quebra paulatina dos valores burgueses que deram origem a duas guerras mundiais e grandes mudanças sociais, políticas e económicas. O pensamento e as artes anteciparam essa transformação que acabou por se chamar “modernismo”. Já desde Karl Marx, o pensamento humano deixara de ser a vontade própria para ser uma interação social e económica. Sigmund Freud conseguia interpretar o mais intangível do acontecer humano: os sonhos. Albert Einstein curvava e relativizava o tempo, simbolizado por Dalí nos relógios brandos. Os poetas abandonaram a rima, os pintores prescindiram da figuração,



a música ultrapassou a tonalidade. As certezas hesitam e as verdades mentem.

Émile Jaques-Dalcroze (1865-1950) experimenta, com os seus alunos do Conservatório de Genebra, uma nova pedagogia que torna a música uma experiência corporal e sensitiva. O belga Edgar Willems (1890-1978) aperfeiçoa um método de iniciação musical para o desenvolvimento da personalidade da criança baseado na experiência sensorial. Justine Ward (1879-1975) desenvolve um método centrado no Canto Gregoriano. Zoltán Kodály (1886-1966) faz do canto a essência do célebre sistema educativo húngaro. Carl Orff (1895-1982) introduz a percussão e o ritmo nas escolas. Maurice Martenot (1898-1980) insere o instinto e as reações psicossensoriais na iniciação musical. Shin'ichi Suzuki (1898-1998) experimenta o método natural de aprender ouvindo.

Curiosamente nenhum destes pedagogos aparece nos manuais de pedagogia que não sejam especializados em música, e se os mencionamos num exame de pedagogias, mesmo que seja num curso de ensino de música, corremos o risco de ser reprovados por desviar-nos da matéria. Comparando o impacto da nova pedagogia musical na sociedade com a penetração das ideias dos grandes nomes da Pedagogia Nova como Pestalozzi, Montessori, Freinet ou Piaget, observamos que a evolução das novas pedagogias, embora não seja sistémica, é muito mais visível na iniciação musical do que no resto. Certamente que uns e outros fracassaram no seu intento de criar um homem novo capaz de transformar a sociedade. O século XX foi o mais genocida de toda a história da humanidade.

As ideias da Pedagogia Nova fundamentam-se nas utopias humanistas desde a de Thomas More (1478-1535), que cunhou o termo Utopia; ou a de François Rabelais (1483-1553), que no final da sua obra *Gargantua*, descreve a utopia pedagógica da Abadia de Thélème que tinha como única regra: “Faz o que quiseres”⁴; passando por *A cidade do sol* de Thommaso Campanella (1568-1639) ou a *Nova Atlântida* de Francis Bacon (1561-1626) que baseia a felicidade no avanço científico e tecnológico; até o *Émile ou De l'éducation* (1762) de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) que pretendia atingir o paraíso na terra. Rousseau, filósofo incontornável por textos como *Du contrat social ou Principes du droit politique*, é um compositor banal e insignificante que assume a tarefa de redigir todas as vozes de música da Enciclopédia de Diderot e d'Alambert defendendo caminhos obsoletos que não inspiram qualquer pedagogia musical evolutiva.

A Pedagogia Nova nunca alcançou o poder e portanto não se consolidou. Não deixa de ser paradoxal que, ainda hoje, haja professores que peçam aos alunos para expor os princípios daquela Pedagogia Nova, com a técnica do papagaio. A filosofia da nova legislação educativa não gosta, em palavras de Nuno Crato, de “reformulações drásticas nem de reviravoltas pedagógicas revolucionárias”⁵, daí que o recuo é compreensível, mas o fracasso da Pedagogia Nova foi mudar a técnica de ensino para continuar a ensinar as velhas matérias e até os mesmos valores decadentes do século XIX. Foi um remendo de pano novo em vestido velho. A pedagogia não é um fim em si mesma e por si



só, não transforma a sociedade. A mudança do modelo social, político, económico ou de pensamento precisa de um novo tipo de conhecimento e é isso que exige uma alteração pedagógica para modificar os comportamentos humanos. O vinho novo tem de ser posto em odres novos.

Nos inícios do século XX, apareceu na Europa um novo paradigma musical que ultrapassava o já caduco sistema tonal romântico. Essa Nova Música gerou a sua própria pedagogia mas esta não se inspirou em utopias, antes na dúvida e o ceticismo de um Michel de Montaigne (1533-1592) que formulou assim a primeira finalidade do ensino: “Antes a cabeça bem feita, que bem cheia”⁶; ou no examen rerum [exame das coisas] que o francês português Francisco Sanchez (1550-1622) - nascido em Tui e batizado em Braga mas que abandonou definitivamente a península sendo ainda uma criança - enuncia na sua obra *Quod nihil scitur* [Que nada se sabe]⁷.

A música do século XIX já tinha a sua própria e genuína pedagogia profissional baseada em escalas e exercícios técnicos próprios do sistema tonal. Qualquer mudança só podia desestabilizar uma tradição interpretativa e uns valores estéticos que se consideravam absolutos e, portanto, não precisavam de evoluir, o qual paralisou a implantação da Nova Música. A pedagogia oitocentista, com pequenos ajustes, continua a ser a melhor escolha para dominar tecnicamente aquele repertório e, ainda, para todas as músicas e musiquetas posteriores que continuam a alimentar-se dos valores pré-modernos.

Em 1911, Arnold Schoenberg (1874-1951) publi-

ca o *Harmonielehre*, obra que faz a transição da velha para a Nova Música - do sistema tonal para um sistema de tonalidade complexa - e vai ser o fundamento de toda a evolução posterior da música, iniciando uma lenta mas firme mudança no pensamento estético; enfrentando a confusão, a bruma, a incerteza e a contradição. Schoenberg pressagia o desenvolvimento das ciências do artificial ou do impreciso, antecipando-se à conclusão de Abraham Moles (1920-1992): “Foi na pesquisa da precisão que se encontrou a imprecisão”⁸. O motor da Pedagogia Nova de Schoenberg é “a busca, fonte que gera o importante”, e acrescenta: “Somente se busca por buscar”⁹. Esse princípio pedagógico antecipa o que, sessenta anos depois, Herbert A. Simon (1916-2001) define como ‘planeamento sem objetivos finais’ e afirma: “O resultado final das nossas opções é o estabelecimento de condições iniciais para o passo seguinte da ação”¹⁰. Edgar Morin (1921) concluirá mais tarde que “apenas o pensamento complexo nos permitirá civilizar o nosso conhecimento”¹¹.

Foram precisos noventa anos para ter a primeira tradução do *Harmonielehre* em português. A tonalidade complexa de Schoenberg não é uma banalidade utópica mas sim uma realidade permeável que transforma lentamente o comportamento humano face uma sociedade nova. Os que nunca leram Schoenberg repetem, como papagaios, que a sua música é atonal, como se fosse possível fazer música sem tons. O pensamento complexo de Schoenberg, utilizando as palavras de Edgar Morin, “abrenos o futuro se acaso a humanidade vier a ter um futuro”¹².

É difícil não concordar com Nuno Crato, quando critica o romantismo da Pedagogia Nova que “conseguiu uma proeza espantosa: uma perfeita aliança entre o idealismo romântico mais ingénuo, o construtivismo mais atávico e o mais cego dogmatismo da velha e caduca «escola nova»”¹³. Mas dizer que o desenvolvimento das competências é responsável pelo fracasso educativo é um exagero ideológico. Guy Le Boterf, especialista em avaliação de competências e que tem atuado largamente em Portugal, considera que um profissional que age em competência, e que é reconhecido como tal, ativa três dimensões do profissionalismo: a dimensão dos recursos disponíveis; a dimensão da ação e os resultados que produz, isto é, as práticas profissionais e o desempenho; e a dimensão da reflexividade, da aná-

lise dos recursos e das práticas para melhorar a sua competência¹⁴. É certo que o documento das Competências Essenciais carecia de concreção, mas renunciar a uma sociedade de indivíduos competentes é um atavismo.

Schoenberg, há um século, afirmava: “Formação, hoje, significa saber um pouco de tudo sem compreender nada de coisa alguma”¹⁵. Não evoluímos muito nos últimos cem anos, porque o papagaio nem desenvolve competências nem tem a faculdade de pensar. Se o papagaio não formar parte das elites, “a via alternativa para os menos favorecidos ou menos dotados”¹⁶ é a submissão.

NOTA

1 Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Obtido em 22 de março de 2013, de <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>

2 Crato, N. (2010). *O 'eduquês' em discurso directo - Uma crítica da pedagogia romântica e construtivista*. Lisboa: Gradiva, p. 118.

3 *Ibid.* p. 119.

4 “Fais ce que voudras”. Rabelais, F. (1913). *Gargantua et Pantagruel*. Paris: Larousse. p. 140.

5 Crato, N. *op. cit.* p. 115.

6 “Qui eust plustost la teste bien faicte, que bien pleine”. Montaigne, M. d. (2004). *Les Essais - Version HTML d'après l'édition de 1595*. Obtido em 22 de março de 2013, de La page de Trismégiste: <http://www.bribes.org/trismegiste/montable.htm> <http://www.bribes.org/trismegiste/montable.htm>, cap. XXV.

7 Sanchez, F. (1581). *Quod nihil scitur* (<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k49823t> ed.). Lugduni (Lyon): Apud A. Gryphium, p. 32.

8 Moles, A. (1995). *As ciências do impreciso*. (P. Barbosa, Trad.) Porto: Afrontamento, p. 33.

9 Schoenberg, A. (2001). *Harmonia*. (M. Maluf, Trad.) São Paulo: UNESP, p. 32.

10 Simon, H. A. (1981). *As ciências do artificial*. (L. M. Pereira, Trad.) Coimbra: Arménio Amado, pp. 277-278.

11 Morin, E. (2008). *Introdução ao Pensamento Complexo* (5ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget, p. 23.

12 *Ibid.* p. 147.

13 Crato, N. *op. cit.* p. 113.

14 Le Boterf, G. (Junho de 2006). Avaliar a competência de um profissional. Três dimensões a explorar. *Pesquisa*, 60-63.

15 Schoenberg, A. *op. cit.* p. 33.

16 Crato, N. *op. cit.* p. 119.



Artur Serra Araújo
argumentista e realizador

Independente

Pode ser um trabalhador, um sindicato, um candidato, um país, e agora também, um festival de cinema. Nos EUA, país dos World Wide, dos Best e dos Biggest qualquer coisa, foi sentida a necessidade de criar uma terminologia Indie que supostamente englobasse toda a arte cinematográfica que estivesse distante das pretensões mercantilistas da indústria criativa. Naturalmente que para um americano, até a caridade tem tendência lucrativa e rapidamente aquilo que tinha tudo para ser um movimento livre de interesses económicos e ideológicos, transformou-se numa oportunidade de negócio certinho, que nos dias de hoje já rende metade do box office nacional. Começou assim a formar-se uma espécie de cinéfilo hipster, amante do cinema gourmet, que só ingere aquilo que ouve dizer que é bom de ver. O original, o puro e o autêntico, passaram a ser ingredientes essenciais numa receita de filmes Indie que prescinde de qualquer tempero popular. Neste momento, o Indie é o selo garantia de qualidade nas prateleiras dos consumidores e os grandes e premiados autores querem agora passar a usar a marca. Progressivamente, a certificação de um filme como Independente passou a ser um processo muito mais simples e prático. Agora nos EUA, independentemente do orçamento, basta produzir um filme sem o dinheiro de Hollywood e depois vendê-lo a uma grande distribuidora de Hollywood para este ser homologado como Independente. Ainda assim, se for difícil reunir estes pressupostos, pode-se sempre alegar que a independência de um filme, está na sua génese ou conceito, distantes de qualquer tipo de formatação narrativa. Com o modelo ensaiado e bem oleado, os europeus, bons importadores do branding americano, não precisaram de ter grandes estúdios de produção para avançarem com um franchising da marca e, um pouco por todo o lado, começaram a surgir produções rotuladas de Independentes. O Underground, o Marginal e o Alternativo ganharam um concorrente de peso que conseguiu engolir facilmente os três. Todo o cinema europeu, original, feito com ou sem grandes restrições orçamentais e que não dê grande alarido nas acções de marketing, pode ser certificado como Indie. Depois de concluídos, os filmes devem percorrer um exigente circuito de festivais e procurar validação junto da crítica especializada. A partir daqui a sua aceitação pelo público torna-se muito mais orgânica e eficaz. Ser Independente não é ser pobre, é ser bom e este lema parece ser entusiasmante para grande parte das produtoras que surgiram nos últimos anos em Portugal. Se de um lado as pro-

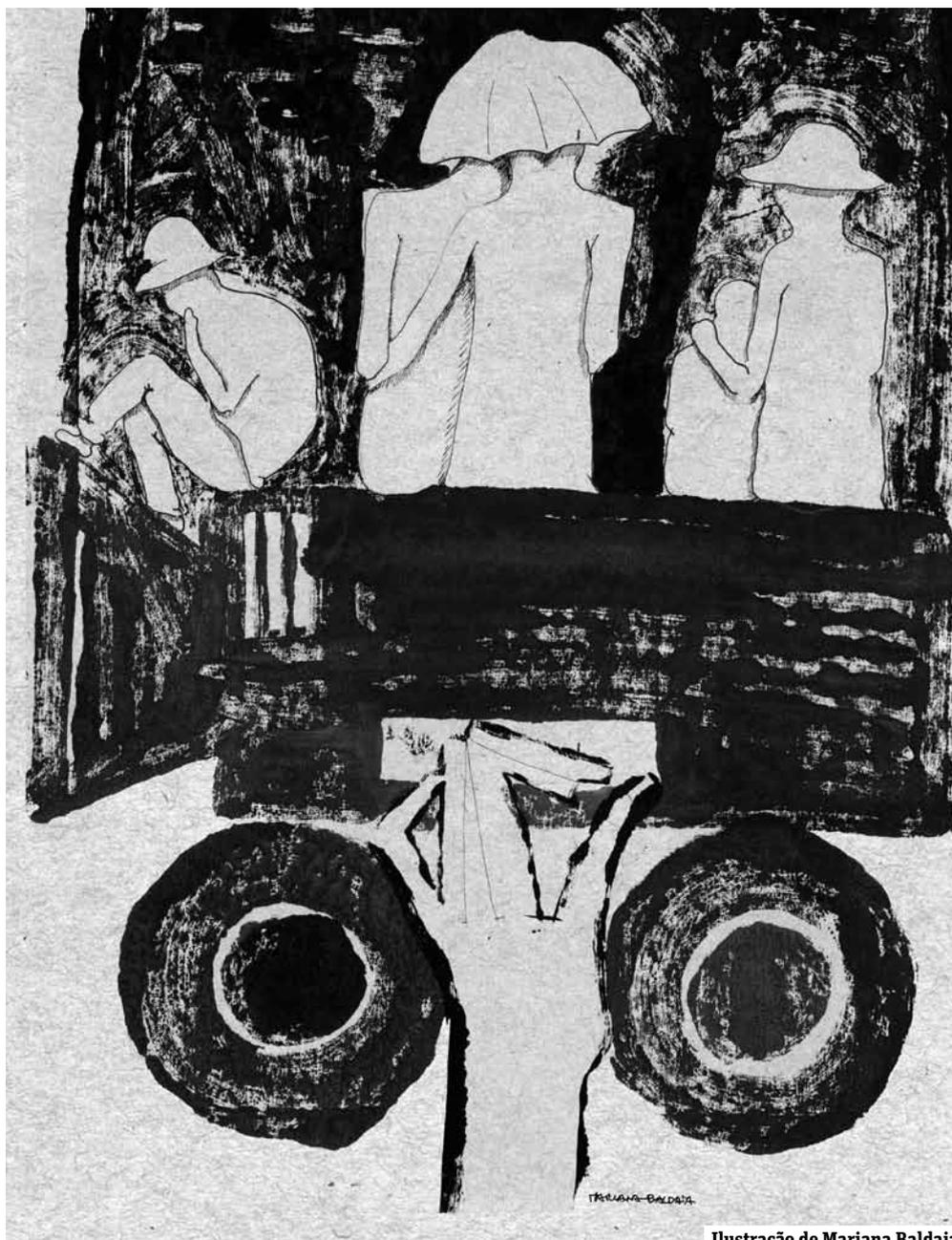


Ilustração de Mariana Baldaia

dutoras audiovisuais amadoras puderam começar a classificar todos os seus filmes como Independentes, do outro lado certificaram-se como Indie projectos de capital público, com investimento das televisões generalistas e distribuição dos grandes grupos. O mercado expandiu-se, ganhou força e proporcionou a abertura de uma série de festivais e mostras de cinema Independente. Da mesma forma que a moda ditou que as tascas e as tabernas portuguesas dessem o nome a dispendiosos restaurantes de luxo, os festivais de cinema Independente passaram a programar filmes com orçamentos de cinco milhões de eu-

ros. Um filme Independente nunca se deveria assumir como tal, não precisa. Associar uma obra a um movimento, ou catalogá-la como um produto, retira-lhe, por si só, a capacidade de nascer livre de preconceitos artísticos. Deve haver espaço para que o autor do filme estabeleça uma relação com o seu público, sem estar preocupado com o enquadramento comercial a que a obra se destina. Condicionar uma produção cinematográfica aos valores e princípios de um determinado mercado, é criar uma embalagem artística que anula qualquer independência criativa. Nos próximos tempos ainda lhe chamam Cinema Vadio.

Dia Internacional assinalado no dia 18

Museus querem mudar a sociedade

«**M**emória + Criatividade = mudança social» é o lema deste ano do Dia Internacional dos Museus, que se assinala no próximo dia 18 de Maio. De Norte a Sul do País, estão programadas centenas de actividades que vão permitir a estes espaços de memória de se aproximarem do público, uma vez que o número de visitantes está a diminuir.

Segundo dados da Direcção-geral do Património Cultural (DGPC), em 2012, o número total de visitantes dos monumentos, museus e palácios foi de 3.175.585, números que representam um decréscimo global de 65.505 visitantes (menos dois por cento), em comparação com o ano anterior. Esta quebra do número de visitantes verificou-se no número de entradas em monumentos e em palácios, que decresceu 3,1 e 5,8 por cento, respectivamente. No entanto, contabilizando apenas os museus, verificou-se uma variação positiva ligeira no número de entradas (1,5 por cento, mais 14.282 visitantes). A DGPC explica que para estes valores contribuíram um conjunto diversificado de iniciativas, com destaque para a realização de exposições, das actividades organizadas por ocasião da Noite e Dia Internacional dos Museus, da abertura dos espaços museológicos no período nocturno, assim como muitas outras iniciativas desenvolvidas pelos Serviços Educativos: concertos, visitas guiadas, actividades em período de férias, acções de formação e workshops, ciclos de palestras, entre outras.

Mas as quebras globais, segundo os dados que constam na página de Internet da DGPC, ficaram a dever-se à diminuição do público nacional (menos 6,5 por cento do que em 2011), uma vez que houve um crescimento, embora ligeiro, do público estrangeiro (0,3 por cento).

Quanto ao perfil dos visitantes de monumentos é maioritariamente estrangeiro, 85 por cento. Já nos museus e palácios, o visitante é maioritariamente nacional (61 por cento), embora o público estrangeiro tenha um peso significativo (38 por cento).

O

tema anual para a comemoração do Dia Internacional é escolhido pelo Comité Consultivo do Icom (Internacional Council of Museums). «Memórias + Criatividade = Mudança Social» é o de 2013 e o director-geral do Icom, Julien Anfruns, explica escolha: «A missão tradicional de preservação dos museus, com o cultivo

da criatividade necessária para a renovação e aumento de visitantes, é a evolução que os museus necessitam para que a sua presença e acções consigam mudar a sociedade de forma construtiva».

Procurando contribuir para que cada museu organize e desenvolva um programa de actividades em sintonia com o tema do Dia Internacional, o Icom sugere cinco abordagens: estruturas de educação informal, espaços enraizados num contexto social e territorial, ligações intergeracionais, valorização do património de forma sempre renovada e preservação dos bens patrimoniais com recurso a métodos inovadores.

«O tema do Dia Internacional

dos Museus 2013 está imbuído de optimismo, conciliando de forma dinâmica diversos pilares definidores dos museus contemporâneos, chamando a atenção para a natureza universal das instituições museológicas e para o seu impacto positivo nas comunidades. Esta conjugação de conceitos sintetiza a complexidade da missão e objectivos dos museus, sinalizando que estes estão destinados a contribuir para o desenvolvimento social», refere o cartaz oficial. E acrescenta que reconciliar a conservação dos acervos, missão tradicional dos museus, com a criatividade necessária para divulgação de espaços e colecções, e captação e fidelização de públicos é o caminho que os museus estão a percorrer, «seguros que a sua presença e actividade podem constituir-se como um importante elemento de transformação da sociedade num sentido construtivo».

O Dia Internacional dos Museus é celebrado, anualmente, há mais de 30 anos no dia 18 de Maio. Em 2005 foi também lançada a Noite dos Museus (este ano também no dia 18), «com o objectivo de atrair uma audiência mais jovem e também famílias aos museus e mobilizar os visitantes na Europa para um evento comum que contribuisse para construir uma Europa de Cultura». Neste dia, vários museus estão abertos gratuitamente para a população visitar as suas exposições e obras, assim como participar nas iniciativas preparadas para comemorar a efeméride. No Porto, e como já é habitual, os museus da cidade oferecem várias propostas aos visitantes. Visitas, teatro, animação de rua, concertos, dança, e oficinas são algumas das actividades.





José Atalaya
maestro

WAGNER caminha para...

Tristão e Isolda

Na anterior crónica desta série (do Palco para o Papel apoiado pelo DVD) referimos a inovação educativa praticada através do *ARTES*, evocando o bicentenário de Richard Wagner que ocorrerá a 22 do mês de Maio.

Este ano de 2013 vai ser gerador, em todo o mundo culto, de Enorme Onda Wagneriana, ainda superior à de 1983. Essa alusiva aos cem anos da sua Morte, varrendo tudo, da Europa por terra à China e ao Japão, navegando no vasto Pacífico, para penetrar nas Américas, e sem esquecer a longínqua Austrália.

Vaga imensa, avassaladora de espectáculos em palco, de produções media. Duradura e arrasadora qualidade. Tudo!

Estarei a exagerar? Não!

Dizem lá de cima (Porto) ao responsável que navega de Lisboa: *"Mande tudo o que quiser sobre o nosso Wagner"*.

Encantado aqui estou... Entro na minha terceira fase wagneriana, retomo e desenvolvo (lépido e alegre tudo o que já tinha dito rebuscado acerca dele em 1947, em 1983. No número do nosso valente *ARTES*, editado em 10 de Abril, demorei-me com muitíssimo empenho na magna questão do senhor *leitmotiv*, ou melhor, neste palavrão, nessa wagneriana raiz arquitectónica. Apetece atirar para aqui as razões, os porquês da perenidade criativa do motivo condutor.

"Leitmotiv". Nasceu aparentemente com Wagner. Mas... desde quando reside sua força?

Há um livrinho muito meu e amigo. Ele adora sentar-se, ligeirinho e doce, à minha cabeceira, desde meus verdes 19 anos. Chama-se *"WAGNER"*, foi redigido pelo Schneider (Marcel Schneider), editado em 1960 pela *Solfèges*, onde ele afirma, logo a abrir (na página número 5):

"Jesus Cristo e sua antítese (Napoleão). Só eles, esses dois, suscitaram mais livros do que Wagner. Bibliografia de Wagner? Contém mais de quarenta e cinco mil números!"

Céus! Como é possível? Cuidado, Schneider está sempre bem informado...

Há de facto vastíssima documentação, outra boa razão para esse divino "mande tudo o que quiser" coincidente com a minha juvenil e conhecida paixão pela estatura universal daquele compositor (e genial poeta) que

foi também chefe de orquestra e encenador - **HOMEM DE TEATRO** - o maior!

Consequentemente o único que ousou (e conseguiu!) edificar um teatro de concepção ÚNICA, arquitectado por ele (metro a metro) - e exclusivamente destinado à difusão permanente da sua própria obra, dos seus dramas musicais, da sua filosofia de cristão que sabe abarcar o budismo - **FESTIVAIS DE BAYREUTH!**

Ali só se ouvem Wagner e a "Nona" de Beethoven a abrir. Obrigatório passar por lá. Wagner não receia ser acusado de jovem vaidoso, de sábio charlatão, até quando fala com Minna, sua primeira esposa. Em Março de 1861 disse-lhe: **"Com meus novos trabalhos adiantei-me muito em relação à minha época, a tudo aquilo que os nossos teatros podem realizar"**.

Três anos depois (Março de 1864) - imagine-se! - aos seus dezoito anos Luíz II torna-se Rei da Baviera. Torna-se então possível um dos mais emotivos e originais "contos de fadas (?)". Entre um músico de génio, um jovem imperador.

O Rei começa por resolver pagar-lhe todas as monumentais dívidas (ele teve sempre que viver à grande, gerir criatividade em grandiosidade. Atitude que praticou até ao fim da vida. Corre o risco de ser preso, por dívidas, tem que fugir de Viena. Mas o Rei não perde tempo, encarrega-o (oficialmente) de terminar o fabuloso e caríssimo *Anel do Nibelungo*.

Wagner refere-se (em 1864, repito) à necessidade (imediata) de fazer construir um teatro expressa e exclusivamente destinado aos festivais anuais da sua música... E a edificar pelo famoso Gottfried Semper.

[claro, o costume... A Senhora INVEJA (quanto mais alto sobes...). Em Fevereiro do ano seguinte surgem os primeiros ataques, de anónimos e de outros (gente graúda). Contra Richard Wagner, contra o jovem Rei. Visado este último pelo Secretariado do seu próprio Gabinete e da sua própria Corte. Consideravam o jovem monarca, **IMATURO** como político...

(apetece anotar à margem: no século XIX na Alemanha, como por cá no XXI)

Face ao exposto no anterior capítulo das minhas *Memórias* publicáveis pelo *Artes* (privilegio que agradeço e muito me desvanece)



relembro que minha suprema obstinação pela divulgação da melhor música começou há mais de meio século, em 1947. Desde que, caminhando lado a lado com Joly Braga Santos, me instalei na sua residência dia após dia (felizes e inesquecíveis) como um dos dois últimos mais ferventes (e mais incondicionais) discípulos de Mestre Luiz de Freitas Branco. Razão (fortíssima) para inaugurar o meu projecto de sempre, como se sabe pela televisão então nascente, e a partir de 1951, ao ser admitido (concursozinho...) nos quadros artísticos da Emissora Nacional, hoje RDP. Ao iniciar o projecto, lembro-me de ter começado a mi-



nha prova escrita (provado está, arquivos da EN) exactamente pelas palavras **“O cromatismo wagneriano do seu Tristão...”** (febre alta no jovem wagneriano, como volta a acontecer, meio século depois e aqui) projecto antes generalista e que fica de repente abalroado, nas últimas semanas, por fortíssima pancada. Guinada na minha modesta nave. Passei a flutuar (exclusivamente) desde Março último em direcção a outros mares.

É que estamos a poucas semanas das celebrações mundiais do um bicentenário!

Mudança súbita, radical. Porque durante os meus 60 anos de profissionalismo cumpridos

em 2011 aquele que (mesmo distraidamente) porventura me tenha acompanhado através da Rádio, da Televisão, do Palco, da Imprensa, saberá reconhecer que a minha ideia de intervir na cultura foi, muito simplesmente (muito oportunamente), em terra de enormes vazios culturais o de difundir o potencial e atractivo poder educativo de toda a Música. Tal como então vi fazer Luiz de Freitas Branco, ao assistir (encantado, maravilhado) às suas históricas palestras no *Século* (prosseguiram na Rádio). Exemplo seguido por mim, segurando-me, pela minha parte, em admiráveis e “fáceis” compositores como Mozart, Beethoven, Schubert, Debussy, apoiando-me também noutros tantos Portugueses, sobretudo os contemporâneos. Concretamente Freitas Branco, Lopes Graça, Joly Braga Santos, Armando José Fernandes. Orientação genérica que de resto ficou bem patenteada nos meus seis discos - dois vinil para a *Valentim de Carvalho* (1973), sinfonias de Beethoven e Schubert, quatro seguintes (CDs), para a *Númerica*, estes a partir de 2007. Estes sem esquecer nem Freitas Branco, nem Lopes Graça, nem Joly Braga Santos, nem Armando José Fernandes (este sistemática e ainda hoje eternamente esquecido de críticos e eminentes “inteligentes” da nossa praça) aos quais acrescentei, no CD inaugural Carlos Seixas, com interpretações em cravo, guitarra, órgão. Culminará, espero, com um sétimo, provavelmente em Julho, graças ao meu primeiro DVD. Este Consagrado a Wagner!

Dando assim continuidade àquele meu único espectáculo wagneriano conduzido em palco, o que não era comum nem aconselhável, em relação a qualquer chefe de orquestra preferindo (público e organizadores de concertos) que espectáculo inteiramente dedicado a Wagner só o fosse se regido por enorme sumidade estrangeira, como aconteceu ontem na *Mezzo* - nesse prodigioso canal francês que expande 24 horas por dia os clássicos de todo o mundo (bem poderia a nossa RTP, se o quisesse, dela aproveitar uma boleia...)

Atrevido portanto, mas não me desmantelei. Escolhi extractos orquestrais para o meu concerto com a Sinfónica do Porto, os habituais do *Tannhäuser*, do *Lohengrin*, de *Os Mestres Cantores*. De *Tristão e Isolda* nada menos que com *Prelúdio da Morte*...

“Diverti-me”, assim e bem, estes anos todos,

com a ideia de arrastar jovens (e não só) para o convívio semanal saudável, amigo, informal com os clássicos da Música, preferindo os mais fáceis de digerir.

A partir de hoje, até meados do próximo ano, vou passar a “divertir-me” (não será Cultura = Divertimento ?), a concentrar-me apenas em Wagner, a prometer que ficarão fascinados (e derrubados de gozo) com aquele grande Senhor. Mas ele foi (diz-se muito) “o mais amado, o mais ODIADO dos compositores”. De todos! Da Renascença ao século XXI.

Desafio atrevido! Fascinar neófitos com esse Richard...

Decerto! Contudo sempre gostei de desafios, tenho-me dado bem. Recordo de ter surpreendido esse admirável António Leónidas (já falecido quando no topo do Ministério da Educação - o esquecido introdutor em Portugal da educação à distância, através dos meios audiovisuais) quando ele soube que decidira converter (aos clássicos), numa sessão experimental dedicada a centenas de meninas do liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. Começaria por lhes revelar, num espectáculo inaugural as profundas e tocantes belezas da *MARCHA FÚNEBRE!* Essa mesma, a marcha da *Sinfonia Heróica* - vinte supremos minutos arrancados das profundezas do espírito inquieto, revolucionário, angustiado de Beethoven.

O facto (que me permitiu conquistar de vez o corajoso António Leónidas) bastou para dar início aos meus concertos semanais para jovens, somente interrompidos em 2013, foram sucedâneos (mais vistosos) do anterior *Falando de Música* com o qual me iniciara pouco antes na televisão e sem sequer ainda conhecer os êxitos dos concertos didácticos, marca Bernstein que por cá apareceram (depois!) na nossa televisão.

Quanto às Meninas (às vezes cruzo-me com algumas, hoje mããs, uma delícia...) pediram-me no fim (imaginem-se a minha surpresa) para **bisar não o estrepitoso “finale” da Heróica, mas a tal fúnebre marcha.**

Então agora, quarenta anos depois (século XXI) com tanto *pop* e tanto *rock*, meio século agarro-me ao meu querido Wagner, precisamente ao Wagner mais revolucionário, o dos primeiros compassos do *Tristão e Isolda!*

Não terei emenda e já vou nos 85! Decididamente.

50 anos da morte de Aquilino Ribeiro

As acções de comemoração do cinquentenário da morte de Aquilino Ribeiro organizadas pela Associação Portuguesa de Escritores terminam no dia 27 de Maio, quando se completam exactamente os 50 anos da morte do escritor, com uma conferência de António Valdemar e Luis Machado: «De Garfo e Faca com Aquilino», no Café Martinho da Arcada, em Lisboa, pelas 20 horas. Antes, a 22 de Maio, em Paris, Coimbra Martins, Eduardo Lourenço e José-Augusto França recordarão os tempos de exílio do escritor. Dois dias depois, no restaurante La Closerie des Lilas (favorito de Aquilino e Hemingway), Luis Machado fala sobre os locais do escritor em Paris.

Música no Casino Estoril

A banda Sal, Pimenta e Cacau será a grande protagonista no Lounge D, no Casino Estoril, na semana de 19 a 25 de Maio. Trata-se de um trio de versões acústicas que propõe uma viagem pelo mundo através da variedade de estilos que integram a world music. A banda recupera composições bem conhecidas do público. A vocalista Nina Fung será secundada por Carlos Elias, na guitarra, e Iúri Oliveira, na percussão. De 26 a 30 de Maio, num registo informal, é a vez dos Wood-Note actuarem, convidando os visitantes do Casino Estoril a recordar temas clássicos que vão desde o jazz até ao soul mais profundo. Para além de que ainda decorre 32.ª edição do Estoril Jazz no Auditório do Casino Estoril. Assim, sexta-feira, 17 de Maio, às 21h30, haverá um concerto de Gary Burton, acompanhado por Julian Lage, na guitarra, Scott Colley, no contrabaixo, e Antonio Sanchez, na bateria. Para a noite de 18 de Maio, também a partir das 21h30, está agendado o concerto do trompetista norte-americano Warren Vaché. O programa do XXXII Estoril Jazz encerra com Wycliffe Gordon e o seu quarteto, às 19 horas.

Famalicão celebra Mês da Família

Maio é o Mês da Família e em Vila Nova de Famalicão a data está, este ano, a ser celebrada com um vasto conjunto de iniciativas, todas com entrada livre. A próxima é já no dia 17 com a realização do debate «A Família na Sociedade Contemporânea - Desafios aos profissionais», pelas 21 horas, na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco. O Município, em colaboração com a Famalowcost - Viagens e Turismo, lançou ainda um desafio aos alunos das áreas de arquitectura, artes plásticas, design e artes visuais para a criação de um logótipo para «A Família». O concurso decorre até 31 de Outubro. Já a Associação Portuguesa de Famílias Numerosas, em colaboração com a Infortis - CCM e Artave, promove no dia 18, 15 horas, um Sarau da Família, em que a entrada «custa» um bem alimentar. Por fim, a Câmara local, em colaboração com a Naturesquestre de Vale S. Cosme, realiza no dia 26, a partir das 14 horas, workshops de cultivo da terra e actividades equestres.

«Roteiro do Amor de Perdição»

Estão abertas as inscrições para a visita cultural orientada pela professora Isabel Ponce de Leão sob o tema «Roteiro do Amor de Perdição», a ter lugar no dia 28 de Maio. Organizada pelo Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes e com partida a partir daí às 8h30, a viagem tem como destino Viseu, onde será feita uma breve intervenção sobre o roteiro por José Valle de Figueiredo, seguida de visita aos locais relacionados com o romance (como a Casa do Arco, a Fonte de São Francisco ou o Convento do Bom Jesus). Seguido do almoço na

Quinta de Cabriz, onde será ainda apresentado o vinho Amor de Perdição. A viagem de ida será preenchida com intervenções da professora e dos alunos sobre Camilo, sobre o romance «Amor de Perdição» e a evocação do sesquicentenário (150 anos) da sua publicação, com leitura expressiva de passos da obra e com a distribuição do número do jornal «As Artes entre As Letras» dedicado ao «Amor de Perdição». O regresso ao Porto será pelo Paço dos Cunhas de Santar (relacionado com «A Sereia»).

Oficinas na Olga Santos Galeria

Durante o mês de Junho, a Olga Santos Galeria vem propor o desafio de darmos asas à nossa imaginação através das oficinas inseridas na exposição «Mundivivências» de Dina Sashse, que será a formadora. As inscrições estão abertas até 31 de Maio. Colagem, Gravura em Linóleo, Lápis de cor e Pintura em acrílico são as propostas.

Estreia no TEP

O Teatro Experimental do Porto estreia dia 23 de Maio, 21h30, «Duas Senhorinhas Rumo ao Norte», de Pierre Notte, no Auditório Municipal de Gaia, em co-produção com a Associação Cultural As Boas Raparigas. O 231.º espectáculo é protagonizado por Maria do Céu Ribeiro e Carla Miranda, com encenação de Gonçalo Amorim, música de Ricardo Raimundo, cenografia de Rita Abreu, figurinos de Catarina Barros, desenho de luz de Nuno Meira, desenho de som de Luís Aly, adereços de João Rosário e tem tradução de Regina Guimarães. Esta co-produção insere-se nas comemorações dos 60 anos de espectáculos do TEP e nos 20 anos de espectáculos de As Boas Raparigas.

Fafe em festa

As Feiras Francas de Fafe começam hoje e decorrem até ao próximo dia 19 (domingo), em paralelo com a ExpoRural 2013, numa organização conjunta da Câmara Municipal, Cofafe e Naturfafafe. As Feiras Francas traduzem, o mais genuinamente possível, os usos e costumes do povo. Recorde-se que o Feriado Municipal de Fafe é precisamente no dia 16 de Maio, o dia maior destas festividades.

«Black & White» de 22 a 25 de Maio

O júri da 10.ª edição do festival audiovisual «Black & White» - promovido pela Escola das Artes da Universidade Católica do Porto, de 22 a 25 de Maio, - já está fechado. Os realizadores portugueses Lauro António e Tomé Quadros são dois dos nomes já confirmados na edição que assinala a primeira década do festival que celebra a estética a preto e branco. Este ano, a iniciativa, que decorre na Católica do Porto, conta também com a presença de Even Bavcar, fotógrafo esloveno que ficou cego aos 11 anos, construiu uma carreira notável na área da fotografia. O painel de jurados é ainda composto pelo realizador francês Etienne Mortini e por Luis Gustavo Martins - docente e investigador do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Católica Porto. Estes cinco jurados, segundo a organização, «têm o desafio de avaliar os mais de 40 trabalhos monocromáticos de todo o mundo, nas vertentes vídeo, áudio e fotografia». Bielorrússia, Lituânia, Geórgia, Rússia, Reino Unido, Israel, Palestina, Alemanha, Escócia, Irlanda, Suécia e México são alguns dos países de origem das obras. Durante a iniciativa, Lauro António fará ainda uma apresentação comentada de dois dos seus filmes: «Vamos ao Nimas» e «Virgílio Ferreira numa Manhã Submersa».

Homenagem a Albano Martins

O Instituto D. António Ferreira Gomes presta homenagem ao poeta Albano Martins. A sessão terá lugar na Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, no dia 25 de Maio, a partir das 16 horas. Isabel Ponce de Leão, Celeste Alves, Salvato Trigo, Helder Pacheco, Levi Guerra e o próprio homenageado Albano Martins serão os presentes do momento solene. Após o que será inaugurada a exposição biográfica do poeta, que ficará patente (na Fundação Eng. António de Almeida) até 1 de Junho.

Dia das Letras Galegas

Sexta-feira (17 de Maio) é Dia das Letras Galegas na Orfeu, em Bruxelas. A acção, que tem início às 18h30, conta com o escritor galego Samuel Solleiro, que desde 2011 vive em Le Mans (França). Licenciado em Antropologia e Filologia, Samuel Solleiro é baixista e guitarrista do grupo de rock Ataque Escampe e sócio fundador de Estaleiro editora. A actividade é organizada com a associação Couto Misto, de Bruxelas. A 21 de Maio, às 18h30, a livraria em Bruxelas acolhe a apresentação da autobiografia «A Extraordinária Vida de Lino Pires» (ed. da Orfeu), na presença do autor e do tradutor, José Frederico Soares. De Vinha, Oleiros, ao restaurante The Butchers Arms, em Church End, Priors Hardwick, Southam Warwickshire, perto de Coventry, Inglaterra, Lino Pires conta a sua vida recheada de humor, peripécias e tenacidade que lhe valeu, no fim de 2012, a atribuição da Medalha do Império, pela rainha britânica. Com organização da Orfeu, mas a realizar-se em Matosinhos, será apresentado o livro «O Padre Grilo e o Mártir Pequenininho», de A. Cunha e Silva, no dia 24 de Maio (à hora de fecho desta edição ainda não era conhecida a hora da sessão), pelo bispo D. Manuel Clemente (o prefaciador). O Produto da venda desta edição, fruto do trabalho do autor, prefaciador, designer (Nuno Leal) e editor, reverte a favor da Obra do Padre Grilo, em Matosinhos.

Prémio de Poesia de Fânzeres

Estão abertas as candidaturas para a 22.^a edição do Prémio Nacional de Poesia da Vila de Fânzeres. Instituído pela Junta de Freguesia aquando da elevação a vila, o concurso é anual e é aberto a cidadãos estrangeiros com residência fixa em Portugal. Os originais, em quatro exemplares e sob pseudónimo, devem ser enviados até ao dia 12 de Julho.

«Elegia Heróica e Outros Poemas»

O livro «Elegia Heróica e Outros Poemas», de Amorim de Carvalho, será apresentado no dia 24 de Maio, às 18 horas, na Fnac de Santa Catarina, no Porto. A apresentação estará a cargo de Júlio Amorim de Carvalho, administrador da Casa Amorim de Carvalho. A obra, descrita como “uma novidade nos meios literários”, aborda O significado da obra poética de Amorim de Carvalho; A Escola de Coimbra - seus principais continuadores; A grande poesia de pensamento em Portugal; O modernismo; Propaganda mistificadora e premeditados silenciamentos; Inovação de Amorim na técnica conceptual e formal; A métrica: uma caso único; Julgamentos e depoimentos histórico-literários; Originalidade e grandeza da poesia amoriniana.

«Quintas de Leitura» em festa

As «Quintas de Leitura», ciclo poético do Teatro do Campo Alegre/Câmara Municipal do Porto, comemoram 12 anos de actividade. A efeméride será assinalada no próximo dia 23, às 22 horas, no Auditório do Teatro do Campo Alegre, Porto, com uma “mega festa da poesia” que levará ao palco uma dezena de artistas convidados. «É preciso dizer para sempre em vez de dizer agora» é o título escolhido para esta sessão comemorativa. Este ciclo, que começou em 2001, já organizou 142 espectáculos (mais de 90% produzidos de raiz), que tiveram uma assistência de mais de 30 mil espectadores (entradas pagas). Entre escritores, diseurs, músicos, artistas plásticos, bailarinos e performers foram mais de mil os artistas convidados.



A Biblioteca Bairro dos Livros

O Bairro dos Livros está a criar uma biblioteca para os utentes do Hospital de Santo António, no Porto. Para que o projecto se concretize, a entidade organizadora pede a colaboração de todos através da doação de todo o tipo de livros (romance, ficção, biografia, conto, poesia, mas também livros de História e Literatura Infantil ou Banda Desenhada). A Biblioteca Bairro dos Livros será usada pelos utentes do Hospital de Santo António, no Porto, nos espaços do Hospital de Dia e Consulta Externa. Os livros podem ser deixados nas livrarias do Bairro aderentes à iniciativa: Lumière, In-Libris, Poetria, Papa-Livros, Manuel Ferreira, Loja da UP, Utopia e Unicepe.

Música para os mais pequenos

Na continuação das realizações que a Caixa Geral de Depósitos tem vindo a promover para os mais pequenos, o próximo concerto, pela Orquestra do Norte, terá lugar no dia 23 de Maio, às 14h30, no Museu de Transportes e Comunicações, no Porto (Alfândega), com narração e direcção do maestro José Manuel Pinheiro. Neste concerto, aconselhado para crianças dos 6 aos 12 anos, será explorada a música dos B's. Uma viagem pelas melodias de bons compositores, cujos nomes iniciam pela letra B. (Informações e reservas através do Serviço Educativo do Museu de Transportes e Comunicações ou do Serviço Educativo da Orquestra do Norte.)

Colóquios, Jornadas e Congressos

Nos próximos dias 15 a 19 de Maio decorre na Golegã e na Chamusca o 1.º Congresso Internacional o Cavalo e o Touro na Pré-história e na História, na qual estarão presentes com comunicações os sócios e confrades Fernando Coimbra, Luís Manuel de Araújo, J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães. Nos dias 6 a 8 de Junho o confrade Paulo Sá Machado promove, em Boticas, o Colóquio Internacional de Cultura Popular comemorativo do 120.º aniversário do nascimento de Gomes Monteiro. Nos dias 28 e 29 de Junho, o Gabinete de História, Arqueologia e Património do ASCR-CQ vai realizar as 1.ªs Jornadas Arqueológicas do Castelo de Crestuma com a participação de arqueólogos e historiadores portugueses e espanhóis. A intervenção nesta estação arqueológica deverá ter uma nova campanha no próximo Verão.

Rota dos Museus

A Câmara Municipal do Porto promove durante os meses de Junho e Julho as Rotas dos Museus, que dão a conhecer estes espaços de um modo diferente. O programa de 2013 (gratuito, mas com marcação prévia) inclui nove rotas temáticas, cada uma incluindo três visitas, ao longo de três quartas feiras, sempre das 15 às 16 horas. Conhecer o Porto, Figuras do Porto, Hábitos e Costumes do Porto, Edifícios que contam Histórias, Arte Sacra, Pintores do Porto, Os Caminhos da Saúde, Experimentar a Ciência e A Ciência de Coleccionar são as propostas que constam do programa.

«Os Livros da minha Vida»

Luíza Cortesão e João Carvalho são os convidados da próxima conferência do ciclo «Os Livros da minha Vida», na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, no dia 18 de Junho, como sempre às 21h15. No dia 21 será a vez de Paulo Cunha e Silva, Beatriz Pacheco Pereira e Álvaro Magalhães. Inseridas na iniciativa «Livros como Livros», juntamente com «A Arte de Sermos Livros», aquelas conferências são de acesso livre e gratuito, mas de inscrição prévia.

Concurso de cascatas e de montras

Estão a decorrer as candidaturas para o Concurso de Cascatas 2013 e o Concurso de Montras de S. João 2013, até ao dia 22 de Maio. A iniciativa é aberta a todas as pessoas e entidades da cidade. A lista definitiva dos concorrentes será publicada no dia 27 de Maio, no site institucional do município.

IV Invicta Filmes

Os ciclos de cinema comissariados pelo realizador e crítico de cinema Lauro António, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, regressam à Invicta no dia 22 de Maio, sempre às 18h30. A iniciativa - uma organização da Câmara Municipal do Porto e de Lauro António - pretende oferecer ao público do Porto a oportunidade de ver, ou rever, alguns grandes clássicos da história do cinema. Nesta IV temporada do Invicta Filmes são propostos quatro ciclos num total de 28 filmes: Ciclo Alfred Hitchcock, Ciclo James Dean, Ciclo Clint Eastwood e Ciclo Western. Assim, a 22 será exibido «Pânico nos Bastidores» e a 28 «O Desconhecido do Norte Expresso». A entrada é livre e gratuita.

21.º Curtas Vila do Conde

Na 21.ª edição do Curtas Vila do Conde, a decorrer entre 6 e 14 de Julho, serão exibidos os filmes de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata (sobre a Chinatown de Vila do Conde, num curioso prolongamento dos temas asiáticos na obra dos realizadores); de Gonçalo Tocha (com um filme rodado na comunidade piscatória de Vila Chã, conceito de Vila do Conde, e que é uma interessante variação do método do realizador); de André Tentúgal (que apresenta uma ficção rodada na área do Porto); e de Helvecio Marins Jr e Felipe Bragança

(filme rodado em Portugal e no Brasil sobre a história de um português), resultantes do Projecto Estaleiro, promovido pela Cooperativa Curtas Metragens. O festival prepara uma programação arrojada, apostando em várias estreias internacionais e num cruzamento entre o cinema e outras artes. E apesar de haver já estreias confirmadas, continuam abertas as inscrições para as Competições Nacionais e Take One! (filmes de escola), nas três categorias a concurso: ficção, documentário e animação até 24 deste mês.

II Encontro Livreiro

No próximo dia 19 de Maio (3.º domingo do mês) realiza-se mais um passeio pedestre por Lagoa Trekking, com o Traga-Mundos - livros e vinhos, coisas e loisas do Douro, em Vila Real. No dia 2 de Junho, pelas 15 horas, realiza-se o II Encontro Livreiro de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Poética - livros, artes e eventos em Macedo de Cavaleiros.

141 eventos na Festa na Baixa

A oitava edição da Festa na Baixa (8.ª FNB'13) do Porto com 141 eventos decorre de 22 a 25 de Maio. São quatro dias preenchidos com inúmeras actividades, dirigidas a todo o tipo de público e muitas de entrada livre. Organizada pelo núcleo do Porto do Centro Nacional de Cultura (CNC Porto), a FNB'13 integra actividades como exposições, visitas guiadas ou pedipapers pelo centro histórico, concertos e animações musicais em espaços públicos, conferências, teatro para crianças e muitas outras actividades lúdicas e culturais. A iniciativa tem como objectivo "promover a cultura no contacto directo com o público através de actividades e animação em vários estabelecimentos mas, sobretudo, em locais públicos - ruas, praças e igrejas".

Encontro de artistas em Viana

O Primeiro Encontro Internacional de Artistas Visuais decorrerá em Viana do Castelo de 30 Junho a 14 de Julho. Segundo a organização, trata-se de uma reunião de trabalho entre artistas plásticos e visuais de qualquer idade e nacionalidade, para facultar a troca de experiências e de comunicação sobre a criação artística e cultural. Duas dezenas de artistas residentes irão conviver na Torre de Nossa Senhora das Neves: um espaço para a criação, que proporciona um ambiente de diálogo, reflexão, e análise. É ainda objectivo a criação de pequenos grupos e reuniões sobre o trabalho real criativo e oficinas relacionados com o projecto; a elaboração de uma rede de cooperação cultural e intercâmbio de informações; exposições e reuniões com artistas locais e artistas convidados; e visitas artísticas. As obras criadas durante o encontro serão expostas na Casa Torre de Nossa Senhora das Neves. Algumas obras seleccionadas dos artistas participantes serão ainda expostas na Feira Internacional de Arte Contemporânea de Viana do Castelo (Portugal), e na Galeria de Arte Espacio de Arte/Espacio Abierto em Madrid e Sevilha, durante o ano de 2014.

Património e Literatura durienses

Com o intuito de consolidar e dar continuidade ao processo de constituição da Associação Ibérica de Casas-Museu e Fundações de Escritores (Acamfe), iniciado em 2012 com a participação no Congresso da Acamfe ocorrido nas cidades de Santiago de Compostela e Guimarães, a Direcção Regional de Cultura do Norte - Divisão de Promoção e Dinamização Cultural (Vila Real), leva a efeito, de 22 a 26 de Maio, a acção «Património e Literatura na Região Duriense». Com esta iniciativa, que consiste na realização de vários roteiros consagrados a escritores cuja vida e produção literária estiveram ligadas à Região do Douro e ao património duriense pretendemos, não apenas divulgar a obra de alguns dos mais notáveis nomes da literatura portuguesa, como foram Camilo Castelo Branco, Miguel Torga, Aquilino Ribeiro e Eça de Queiroz, mas também dar a conhecer a riqueza e especificidade paisagística e patrimonial da região duriense. Ainda provisório aquando do fecho desta edição, o programa contempla um dia de roteiro a cada um dos autores citados, visitando locais que, de alguma forma, assumiram especial significado na vida e obra destes escritores e, concomitantemente, difundir o património arqueológico, arquitectónico e imaterial da região.

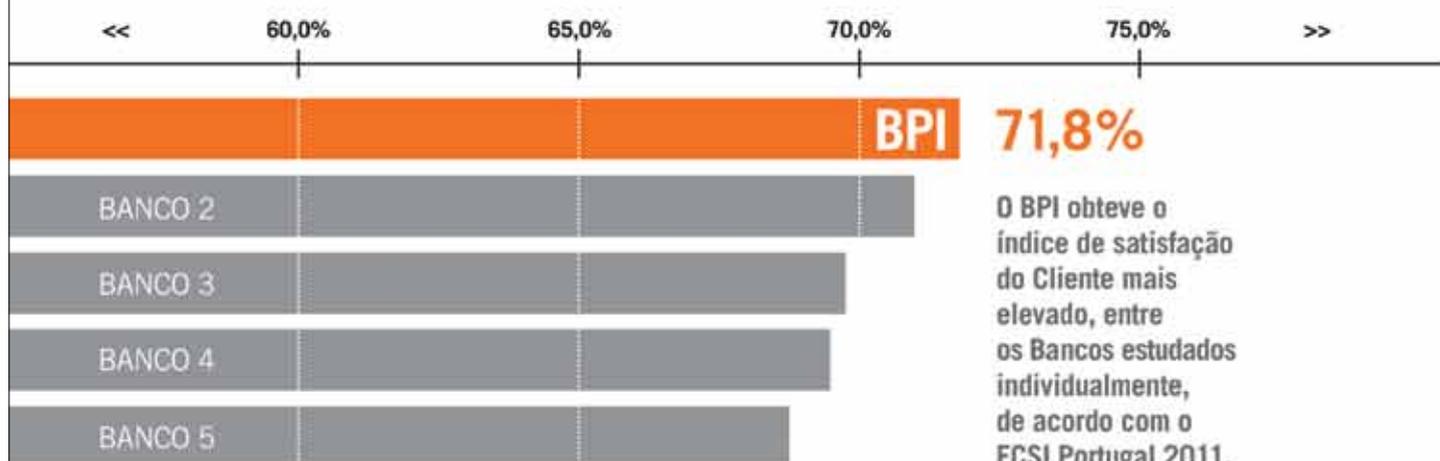
Leitores de Gondomar

Maria Cecília Santos é a convidada da próxima e última sessão da Comunidade de Leitores de 2013 que se realiza na Biblioteca Municipal de Gondomar desde Janeiro, sempre às 21h30. A escolha da convidada para este encontro recaiu sobre o livro de Júlio Magalhães «Não nos roubarão a esperança».

Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI ficou em primeiro lugar na Satisfação dos Clientes, entre os Bancos estudados individualmente, de acordo com o ECSI Portugal 2011 - Índice Nacional de Satisfação do Cliente.

Este índice, baseado numa metodologia europeia comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo IPQ (Instituto Português da Qualidade), pela APQ (Associação Portuguesa para a Qualidade) e pelo ISEGI-UNL (Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação - Universidade Nova de Lisboa).

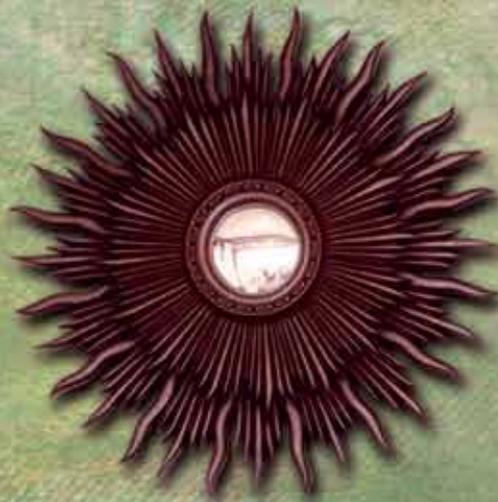


O BPI obteve o índice de satisfação do Cliente mais elevado, entre os Bancos estudados individualmente, de acordo com o ECSI Portugal 2011.

Este estudo é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.



XXV
*Feira Nacional de
Artesanato de Gondomar*



*25 de maio
a 02 de junho
de 2013*



Largo do Souto

*Inauguração dia 25 de maio
18h00*

Organização:



CÂMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR
Desenvolvimento Económico



GONDOMAR
CORACÃO DE OURO

Apoio:



INSTITUTO DO EMPREGO E
FORMAÇÃO PROFISSIONAL, IP